

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**Representações em disputa: O caso do Ecomuseu de
Manguinhos**

RENATA DA SILVA MELO

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**Representações em disputa: O caso do Ecomuseu de
Manguinhos**

Monografia submetida à Banca de
Graduação como requisito para obtenção
do diploma de Comunicação Social/
Jornalismo.

RENATA DA SILVA MELO

Orientadora: Profa. Dra. Ilana Strozenberg

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Representações em disputa: O caso do Ecomuseu de Manguinhos**, elaborada por Renata da Silva Melo.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profª. Ilana Strozenberg
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação. - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Márcio Tavares d'Amaral
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Fernando Fragozzo
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação /UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

MELO, Renata da Silva.

Representações em disputa: O caso do Ecomuseu de Manguinhos.
Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientadora: Ilana Strozenberg

MELO, Renata da Silva. **Representações em disputa: O caso do Ecomuseu de Manguinhos**. Orientadora: Ilana Strozenberg. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a experiência empírica de criação de um ecomuseu, realizada a partir de 2009 por moradores da favela carioca de Manguinhos e pesquisadores da Fiocruz. O Ecomuseu de Manguinhos desenvolve trabalhos de comunicação no território com fins de ressignificar simbolicamente a favela a partir de ações protagonizadas pela própria população. Essa pesquisa procura discutir como se dá a representação das favelas na mídia e a relevância do surgimento de narrativas contra-hegemônicas num cenário de concentração dos meios de comunicação e reprodução de visões estigmatizantes. É realizada uma análise crítica do Ecomuseu de Manguinhos, pensando as relações entre a teoria e a prática ecomuseal. São desenvolvidas também reflexões acerca dos conceitos de ecomuseu e território de exceção. Nesse estudo, discute-se ainda sobre o papel do museu e da comunicação na sociedade, bem como sobre a necessidade de democratização dessas ferramentas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Maria de Lourdes, que sempre me apoiou em tudo e é uma inspiração para mim. Com sua máquina de costura e ensino fundamental incompleto, ela me ensinou coisas que universidade nenhuma poderia. Agradeço também a minha família, que lá do interior da Paraíba torcia por mim, vibrando por cada conquista, às vezes até me superestimando só por eu estar fazendo faculdade. Mas, pensando bem, isso não é “só”. Num mundo de tantas desigualdades, estar na universidade é muita coisa.

Dedico este trabalho aos meus amigos de Manguinhos e da Cooperação Social da Fiocruz, que me ensinaram tanto. Obrigada por fazerem essa pesquisa possível, pelos ouvidos atentos, pela compreensão, por me fazerem acreditar num mundo melhor. Agradeço especialmente ao Felipe Eugênio, que dedicou tantas horas de conversa comigo, todas sempre divertidas, poéticas e regadas a jazz, com a leveza que é própria a esse meu amigo querido.

Aos meus camaradas do Soltec, que tanto me inspiram. Aprendi e aprendo muito com esse Núcleo de ensino, pesquisa e extensão, que me fez refletir sobre o papel da universidade na sociedade, a acreditar no trabalho coletivo e solidário e a lutar por um mundo mais justo. Em especial, aos meus companheiros do jornal *A notícia por quem vive*, que me estimulam a lutar pela democratização da comunicação e me ensinam muito na prática de construção de um jornal comunitário.

À Marília, Camille e Ísis, minhas amigas queridas, pelos nossos debates sempre provocadores e pelo carinho de vocês. Distraídas venceremos. Ao Celso Eugênio, por revisar meu texto, me dar dicas, ouvir com paciência minhas dúvidas e desvirtuar meu trabalho me convidando para o forró. Eu quero mesmo é ter tentação no caminho.

À Elis, minha grande amiga, companheira de viagens, de reflexões, que mesmo longe, continua próxima, sempre preocupada comigo e atenta aos sinais. Obrigada por me incentivar a estudar francês, por me ouvir, por arrumar minhas malas e pilhar de cair na estrada comigo em viagens inusitadas. Seu pragmatismo capricorniano complementa minha impulsividade ariana.

Ao Michael, por me comprar éclair au chocolat e me ajudar a visitar a Paris e Barcelona. Sonhos não envelhecem. Ao Gustavo por me ensinar matemática para que eu passasse no vestibular. Ao Saulo, por me ajudar a imprimir esse trabalho e pelas sugestões valiosas. Ao Flavinho, por me apresentar Manoel de Barros.

Aos meus professores, essas figuras generosas que compartilham conhecimento, responsáveis por muitas das minhas epifanias. Especialmente à minha orientadora, Ilana Strozenberg, que foi uma grande parceira na realização desse trabalho. Nossas reuniões e as questões trazidas por você me faziam voltar para casa com a cabeça fervilhando de idéias, com o desejo verdadeiro de fazer um trabalho cada vez melhor.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Contextualização- de onde e sobre o que falamos?	5
2.1 O território de Manguinhos.....	5
2.2 Manguinhos enquanto território de exceção.....	7
2.3 O conceito de ecomuseu	11
3. Apresentação do estudo de caso	19
3.1 O Ecomuseu de Manguinhos: problematizando a representação da favela.....	19
4. Narrativas em disputa: Uma análise do Ecomuseu de Manguinhos	29
4.1 Ecomuseu: O conceito e a prática.....	29
4.2 Um museu sem muros.....	31
4.3 Sobre protagonismo local.....	35
4.4 Sobre resgate histórico.....	45
4.5 Retalhos de uma manta coletiva: Como o Ecomuseu de Manguinhos representa o território?.....	50
5. Conclusão	70
6. Referências bibliográficas	74

1-INTRODUÇÃO

A favela é assunto constante nos meios de comunicação brasileiros, especialmente no noticiário carioca. Na maioria das vezes, são veiculadas sobre o tema notícias de caráter quase cinematográfico e tom sensacionalista que tratam majoritariamente da violência e pobreza relacionadas a comunidades periféricas. Há ainda aquelas que romantizam os territórios favelizados, reduzindo-os a objeto turístico e exótico onde apesar de todas as mazelas viveria um povo “feliz e pacífico”.

As representações têm efeitos reais na vida das pessoas. Discursos maniqueístas como os citados acima contribuem para a estigmatização e criminalização das favelas e de seus moradores, legitimando a implementação de políticas de caráter autoritário e marcadas pela ausência de diálogo com a população. A reprodução de narrativas nesses moldes dificulta também o debate crítico sobre questões como: cultura, política de drogas, sistema penitenciário, moradia, remoções, racismo, políticas públicas, entre tantas outras. Na contramão desses discursos e, apesar de sua presença hegemônica, surgem algumas propostas alternativas de representação das favelas que visam a ressignificação desses territórios.

Esse trabalho tem como objetivo contribuir para a problematização da produção de discursos de ressignificação das favelas, produzidos no interior de seu próprio contexto, a partir da análise da proposta de ecomuseu e, mais especificamente, do caso do Ecomuseu¹ de Manguinhos. Tem como finalidade também pensar como a construção de narrativas contra-hegemônicas pode contribuir para a transformação social e o estímulo à mobilização política. Pretende-se ainda, a partir do caso investigado, discutir as diferenças entre o conceito teórico, generalizante, de ecomuseu e sua atuação num contexto empírico, com características sócio-econômicas, políticas e culturais particulares.

O Ecomuseu de Manguinhos surge a partir da iniciativa de moradores locais em conjunto com pesquisadores da Fiocruz, no contexto do Complexo de favelas de Manguinhos, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. Desde 2009, a organização vem desenvolvendo ações de comunicação no território, tais como: documentários, exposição itinerante, rádio comunitária e intervenções artísticas. Esse trabalho irá apresentar e analisar algumas dessas ações, bem como a forma como o Ecomuseu se

¹ Nesse trabalho, Ecomuseu com letra ‘e’ maiúscula será usado para fazer referência ao Ecomuseu de Manguinhos. Quando estiver sendo tratado ecomuseu enquanto conceito, este será iniciado com ‘e’ minúscula.

organiza e desenvolve suas atividades. É importante ressaltar que, na medida em que essas ações estão em diferentes etapas de realização, foram selecionadas apenas aquelas que já estão num processo mais adiantado de implementação. Assim, o site do Ecomuseu, que no momento nem mesmo conta com endereço eletrônico, e a Rádio Web Manguinhos Livre, não serão incluídos na análise de forma aprofundada por estarem ainda em processo muito inicial de construção e funcionamento.

A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, método próprio da antropologia definido por Cicília Peruzzo, como aquele que “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2003: 2)². Desse modo, essa pesquisa envolveu a realização de entrevistas, trabalho de campo e participação direta nas atividades do Ecomuseu de Manguinhos (reuniões, eventos, planejamentos). Faço parte da equipe do Ecomuseu desde 2012. Num primeiro momento, a partir do vínculo de estágio com a Cooperação Social da Fundação Oswaldo Cruz, parceira do projeto, e, posteriormente, em 2013, como bolsista da Rede CCAP, OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) também apoiadora do Ecomuseu. Assim, como estive integrada de forma orgânica ao meu objeto de estudo, esse trabalho também é resultado do compartilhamento de modo consistente e sistematizado das atividades do grupo e do contexto estudado, o que, segundo Peruzzo (2003) é uma característica central da pesquisa participante.

O segundo capítulo do trabalho irá descrever e discutir o território de Manguinhos a fim de permitir uma melhor compreensão do cenário em que se insere o estudo de caso a ser analisado. Além de dados mais objetivos sobre o local, será abordado também o conceito de território de exceção, muito utilizado em movimentos envolvidos na luta local por direitos, como o Fórum Social de Manguinhos e também por instituições inseridas naquela área da cidade, como a Fiocruz. A partir dessa abordagem se visa contribuir para um debate crítico sobre as representações sobre esse contexto específico, bem como sobre as favelas de modo geral. Para essa parte, foram usados como referência teórica os livros “Território, Participação e saúde: Manguinhos em debate”, organizado por Carla Moura Lima e Leonardo Brasil Bueno, e “Histórias de pessoas e lugares: memórias das comunidades de Manguinhos” de autoria de Tania Maria Fernandes e Renato Gama-Rosa Costa.

² Disponível em:

http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_COLOQUIO_peruzzo.pdf

Em seguida, será apresentado o conceito de ecomuseu, que não só compõe o nome do estudo de caso em questão, como também é base teórica para sua realização. Para tanto, a ideia de museu e o prefixo “eco” e seus significados serão revisitados. Essa parte contará com contribuições de autores como: Varine e Rivière (1985) idealizadores do conceito, Brulon (2006), José Reginaldo Santos Gonçalves (2005) e Scheiner (2008), que desenvolveram estudos sobre o tema. Serão desenvolvidas algumas reflexões sobre a necessidade de democratização da ferramenta museu, que, na sua concepção inicial, era pensada, num formato mais convencional e elitizado, até o surgimento da nova museologia, em que se produz à noção de ecomuseu.

No capítulo 3 será apresentado o Ecomuseu de Manguinhos, com base na descrição de sua história, suas motivações, seus objetivos e suas ações. Serão também discutidas as representações dominantes de favela e suas consequências, tema bastante debatido pela equipe do Ecomuseu, e que se configura como questão central para seu surgimento e o desenrolar de suas atividades. Para pensar esse assunto, haverá um diálogo com as ideias de Lícia do Prado Valladares, Leonardo Bueno, Raquel Paiva, Gabriela Nóra e Nemézio C. Amaral Filho.

No quarto capítulo será realizada uma análise do Ecomuseu de Manguinhos com o propósito de pensar as relações entre o conceito de ecomuseu e sua realização na prática. Considerando que o Ecomuseu é um projeto amplo, será realizado o seguinte recorte para sua análise: um museu sem muros, em que será discutida a ausência de um prédio institucional no contexto do Ecomuseu e as implicações desse fato, tais como o questionamento de uma lógica meramente expositiva de museu, o caráter itinerante e descentralizado de suas ações e as dificuldades desse processo; o protagonismo local, aspecto enfatizado tanto no conceito teórico de ecomuseu quanto no discurso da prática de implementação do Ecomuseu de Manguinhos. Nesse tópico se irá abordar a forma de participação dos moradores em atividades do Ecomuseu, expondo as estratégias de mobilização utilizadas para atraí-los e também as dificuldades enfrentadas nesse aspecto. Outro ponto abordado é a valorização da memória e da história de Manguinhos como fonte de resistência e disputa simbólica por outras referências sobre o território. Por último, será feita a análise de um dos documentários produzidos pelo Ecomuseu, o filme “Retalhos de uma manta coletiva”, em que será enfatizada a questão da representação, com ênfase no modo como o Ecomuseu busca construir narrativas sobre Manguinhos e a relevância dessa estratégia.

O recorte da pesquisa se justifica pelo interesse em articular o aspecto teórico da proposta do Ecomuseu – sua definição conceitual - com as condições de sua realização na prática, através do estudo do caso do Ecomuseu de Manguinhos. Nesse sentido foram analisadas questões relativas a: protagonismo local, resgate histórico, solidariedade, representações da favela e opção pela ausência de prédio institucional. Outro critério adotado para o recorte foi o nível de envolvimento da autora nas ações a serem analisadas, como no caso do filme *Retalhos de uma manta coletiva* que envolveu sua participação direta no processo de realização e divulgação. O documentário terá assim uma análise um pouco mais aprofundada. Já outras ações, como a exposição itinerante “Manguinhos Território em Transe” e o documentário “Pés no mundo”, por exemplo, não contaram com uma atuação tão intensa da autora. No caso do projeto Território em Transe, acrescenta-se ainda o fato de que, embora existente desde 2011, ele só se tornou parte do Ecomuseu de Manguinhos no ano de 2013, fazendo com que suas ações só muito recentemente fossem compartilhadas de forma direta com o Ecomuseu. Assim, apesar da amplitude e importância dessas ações elas não serão alvo privilegiado desse trabalho, cujo tempo e dimensão são bastante limitados, podendo ser objeto de futuras investigações.

2- - CONTEXTUALIZAÇÃO- DE ONDE E SOBRE O QUE FALAMOS?

O território sobre o qual se debruça o presente trabalho se insere no contexto do Complexo de favelas de Manguinhos. Para uma melhor compreensão desse cenário, nesse capítulo serão apresentados dados sobre Manguinhos e posteriormente serão discutidas criticamente as questões que tocam esse espaço com base na ideia de território de exceção. Em seguida, será apresentado o conceito de ecomuseu, que é base teórica para o Ecomuseu de Manguinhos, foco do presente estudo

2.1 O território de Manguinhos

O nome Manguinhos remete a algo que é característico do passado no cenário do local: os manguezais, que foram progressivamente destruídos por aterros e ocupações sucessivas. Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, Manguinhos está entre a Avenida Brasil e a Avenida dos Democráticos. O local é conhecido também por sediar a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), instituição vinculada ao Ministério da Saúde e de referência nacional em ciência, tecnologia e saúde pública.

De acordo com pesquisa realizada pelo Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ (SOLTEC/UFRJ), “A economia solidária em territórios populares”³, o Complexo de Manguinhos é formado por 16 comunidades⁴, distribuídas numa área de 261,84 hectares, são elas: Mandela de Pedra, Nova Era (Nova Embratel), Parque Oswaldo Cruz (Amorim), CCPL, Parque João Goulart, Conjunto Nelson Mandela, Vila União, Comunidade Agrícola de Higienópolis, Vitória de Manguinhos (CONAB), Parque Carlos Chagas (Varginha), Vila São Pedro, Vila Turismo, Vila Vitória, Conjunto

³ Disponível em: http://www.soltec.ufjf.br/images/PDFs/rioecosol_baixa.pdf

⁴ Importante chamar atenção para a problematização do termo comunidade que será usado com alguma frequência neste trabalho. O termo comunidade é questionado por alguns autores, como o sociólogo Luiz Antonio Machado da Silva. Na visão dele, a terminologia poderia funcionar como um eufemismo, reforçando assim o estigma da favela como algo negativo. De fato, essa é uma possibilidade. Machado da Silva endossa que substituir o termo favela por comunidade não contribui para a desconstrução desse estigma. Há ainda a apropriação do termo favela como forma de contestação a partir, não de sua rejeição, mas de sua incorporação. Como atesta, por exemplo, o uso, inclusive por moradores de Manguinhos, da expressão “favelado” como forma de afirmação, de orgulho e identidade. Apesar da pertinência dessas ponderações, optou-se por utilizar aqui ambos os termos: favela e comunidade. Porque, no caso de Manguinhos, a expressão comunidade é habitualmente incorporada pelos próprios moradores para fazer referência ao local onde moram. Em geral, eles não reconhecem o termo bairro e se dividem no que toca à denominação favela. Acredita-se também que o termo comunidade pode ter diversos usos e estes podem assumir diferentes significados a depender do contexto, da colocação e da intenção. Como lembra Paiva (2003), com as novas tecnologias e as reapropriações sociais do espaço e do tempo, que seriam hoje prescindidos pelas relações humanas, a comunidade passa a ter como agregação a afetividade. Por falta de espaço essa questão não será aprofundada no presente trabalho, contudo reforça-se aqui a importância do tema que merece atenção a fim de ser analisado e problematizado em maior profundidade em trabalhos futuros.

Samora Machel, CHP2 e Embratel. Apenas no ano de 1988 essas comunidades tiveram seus limites definidos a partir da política de inclusão das favelas no processo de oficialização dos bairros da cidade⁵. Como aponta Fernandes e Costa, essas comunidades são muito heterogêneas do ponto de vista de sua história e da forma como se deram suas ocupações.

Apesar de englobadas em uma única região, as comunidades de Manguinhos apresentam intensa diversidade e particularidades referentes não só ao perfil atual, mas também às propostas de cunho governamental e ao processo de ocupação em articulação com os determinantes político-sociais. Configuram-se como pertencentes a um espaço social heterogêneo e dinâmico, com um território vulnerável em constante reestruturação e com uma realidade socioambiental-sanitária bastante específica. (FERNANDES & COSTA, 2009: 31)

Embora interaja com projetos e parceiros das demais áreas e atue em muitas das comunidades de Manguinhos, o estudo de caso em questão tem sua origem e sede em Vila Turismo, comunidade situada entre a Avenida dos Democráticos e a Rua Capitão Bragança, o Rio Faria Timbó e a Estrada de Manguinhos. No livro “História de pessoas e lugares: Memórias das comunidades de Manguinhos” é descrito parte da história e de como se deu a ocupação especificamente dessa região:

A denominação Vila Turismo, criada pelos moradores, refere-se ao fato de esta localidade apresentar grande circulação de pessoas que ocupavam as moradias com a expectativa de conseguir um espaço. Segundo Paulo César Gomes Moreira (2008), morador da comunidade desde 1959, era uma ocupação com “pessoas que vêm pra fazer turismo (...) entram e tal, depois ficam esperando acontecer. Chegam aquelas pessoas que não têm nada a ver e vem fazer turismo (...) tentando arrumar um espaço e tudo o mais, mas no fundo, até têm outro espaço pra morar e faz daquilo ali um turismo”. Essa forma de ocupação é muito comum nestes tipos de comunidades, onde a propriedade da terra, ou o direito à moradia, pode ser alcançada a partir da construção de casas, mesmo com material precário (FERNANDES & COSTA, 2009: 126)

A ocupação dessa área teve início na década de 1950. Assim como outras comunidades de Manguinhos, Vila Turismo é resultado de migrações, de diversas regiões do Brasil, principalmente o Nordeste, e de outras áreas da cidade do Rio de Janeiro, devido à política de remoções, como indica pesquisa realizada pelo Laboratório Territorial de Manguinhos:

Seus primeiros moradores foram removidos de uma área do Caju, e das ilhas Sapucaia, Bom Jesus e mais outras oito ilhas, aterradas para dar origem a Cidade Universitária do Fundão da Universidade Federal

⁵ Decreto n.7.980, de 12 de agosto de 1988.

do Rio de Janeiro. Sua ocupação teve início nas ruas Santana do Livramento e Luís Gregório de Sá, com a instalação de barracos de madeira.⁶

Como as demais regiões do Complexo, Vila Turismo enfrentou, e ainda enfrenta, problemas como enchentes, incêndios e ausência de saneamento básico. Atualmente, a área se caracteriza por ser um dos pólos comerciais do Complexo de Manguinhos.

Quanto aos dados demográficos sobre o território de Manguinhos, há divergências. Isso se dá provavelmente porque esses índices foram levantados a partir de conceitos diferentes. Segundo o Censo do IBGE ([Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística](#)) de 2000, Manguinhos teria uma população de 31.059 habitantes e 8.942 domicílios. Dados mais recentes do Censo domiciliar de Manguinhos realizado pelo PAC entre 2008 e 2009 apontam aproximadamente a população de 31.432 moradores. No entanto, o aumento significativo no número de domicílios, contabilizados pelo mesmo censo em 11.557, nos leva a inferir que a população de Manguinhos deva ser bem mais numerosa. Em 2007, as secretarias municipais de saúde e educação contabilizaram uma população em torno de 45 mil habitantes. Já o Instituto Pereira Passos baseado em índices de fecundidade aponta, em 2009, um contingente de cerca de 43.000 moradores. Os autores de “Histórias de pessoas e lugares: Memórias das comunidades de Manguinhos” (Fernandes & Costa, 2009) sugerem um total de 53.000 habitantes.

2.2 Manguinhos enquanto território de exceção

Para o debate sobre território de exceção é importante, antes, uma reflexão sobre o conceito de território. Pensado a partir do aspecto etimológico, esse termo pode ter dois significados possíveis: pedaço de terra ou espaço onde se desenvolvem relações e se constroem sentidos e também pode ser associado à ideia de terror, como é explicado abaixo:

Etimologicamente a palavra território vem do latim *territorium*, que significa pedaço de terra apropriado. O vocábulo latino terra é fundamental para se entender o significado da palavra território, pois explicita sua estreita ligação com a terra, como um fragmento do espaço onde se constroem relações tanto de base materialista quanto de base idealista. É importante salientar o caráter político do conceito

⁶ Dados referentes à pesquisa realizada pelo Laboratório Territorial de Manguinhos. Disponível em <http://www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br/?q=vila-turismo>. Acessado em 15 de novembro de 2013.

quando estudamos sua origem etimológica, já que nela constata-se um caráter dúbio, onde se confundem as palavras *territorium*, no sentido de apropriação da terra, com *térreo* ou *terror* no sentido de aterrorizar, ou aquele que aterroriza. (HAESBAERT, *apud* CRESPO, 2010 p.1)

Para o geógrafo Milton Santos, os “usos” do território, ou seja, o que os atores presentes nesse espaço fazem dele é o ponto chave para defini-lo. O território é berço das práticas de interação social do homem, sinônimo de espaço habitado e construído por pessoas, sendo um “produto histórico das necessidades e interesses humanos” ⁷. Nesse sentido, o território é marcado por relações de poder ao envolver diversos atores que territorializam suas ações e interações ao longo do tempo. Como é possível ver no trecho abaixo, o território apresenta aspectos locais e globais, uma complexa rede de relações e diferentes forças agindo sobre ele:

O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo. O território usado, visto como uma totalidade, é um campo privilegiado para análise na medida em que, de um lado, nos revela a estrutura global da sociedade e, de outro lado, a própria complexidade do seu uso. (SANTOS *apud* CRESPO, 2010, p.5).

Dessa forma, enquanto território, Manguinhos é marcado por relações de poder, nele se constroem dinâmicas de solidariedade, mas também de “terror”, como aponta a etimologia, o que vai ao encontro do conceito de território de exceção a ser abordado. Como dizem os autores do livro “Território, participação popular e saúde: Manguinhos em debate” ⁸, o conjunto de favelas de Manguinhos é um local em que o cotidiano de seus moradores é caracterizado pelo convívio com várias formas de violência como: exposição cotidiana a forte controle social, seja da polícia, seja do tráfico; violação de direitos civis e políticos, acesso limitado a direitos sociais como educação, saúde e habitação, condições ambientais deterioradas, remoções, confrontos armados, além da violência simbólica, como a estigmatização dos moradores e a criminalização do lugar onde moram. Do ponto de vista das estatísticas e classificações oficiais, é um território que está entre os sete piores no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município do Rio de Janeiro, tendo suas comunidades classificadas pelo IBGE como áreas “subnormais”.

⁷ <http://www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br/?q=node/94>. Acessado em 10 de abril de 2014

⁸ Disponível em: <file:///C:/Users/Seven/Downloads/LIVROMAGUINHOS.pdf>

O Índice de Desenvolvimento Social (IDS) do bairro de Manguinhos, de acordo com dados do IBGE de 2000 e cálculos do Instituto Pereira Passos, fica na posição 150 entre os bairros cariocas, uma das últimas (o ranking termina na posição 158). Este índice considera variáveis como a taxa bruta de frequência escolar, alfabetização, esperança de vida e o índice “Conforto e saneamento”. (ALVEAR, FERREIRA *et al.* 2012, pg. 108)⁹

Por suas condições singulares e cerceadas pela exclusão dos direitos da cidadania, Manguinhos é considerado um território de exceção. Essa categoria é criada a partir da iniciativa de movimentos populares localizados em favelas do Rio de Janeiro e de organizações políticas parceiras desses movimentos (BUENO, 2010, pg. 46). Nas citações a seguir, o historiador Daniel Soares e o pesquisador da Fiocruz, Leonardo Bueno, ambos militantes em Manguinhos, definem território de exceção a partir da violação de direitos imposta a territórios favelizados:

A favela configura espaço histórico e desigual destacado da combinação das mais distintas formas de violência da cidade, apresentando características que nos permitem representá-la enquanto território de exceção onde efetivamente existe a exclusão de direitos civis e sociais para a maioria de seus moradores (BUENO, 2010, pg. 42)

As favelas, portanto, historicamente, têm feição de guetos. Aglomerados onde vivem cidadãos indispensáveis ao funcionamento da cidade, integrados economicamente a ela, porém excluídos dos direitos de cidadania desfrutados pelos demais cidadãos, configurando assim verdadeiros territórios segregados ao pleno Estado de direito. (SOARES, 2010, pg.: 26)

O termo território de exceção tem o objetivo de denunciar e afirmar politicamente as condições excepcionais vividas nas favelas, caracterizadas pela ausência do exercício pleno de direitos. Essa realidade “passa pela destruição das bases de um Estado de direito como a inviolabilidade do lar, o direito a moradia e a garantia de um julgamento justo, relegando-se ao território uma condição de sub-cidadania” (EUGÊNIO & MELO, 2013, pg. 4). Nos trechos abaixo é possível perceber a partir do olhar dos próprios moradores como se caracteriza, na prática, o território de exceção:

O Estado brasileiro viola direitos em Manguinhos cotidianamente, assim como em outras favelas. Policiais se dirigem às mulheres com palavras de baixo calão quando as mesmas não se deixam influenciar por suas cantadas; impedem a realização de festas, inclusive nas residências dos moradores; proíbe que os jovens ouçam funk; determinam “toque de recolher”, impedindo o ir e vir dos moradores

⁹ Disponível em: http://www.soltec.ufrj.br/images/PDFs/rioecosol_baixa.pdf

garantido na Constituição Federal; invadem casas sem mandado judicial.¹⁰

Em Manguinhos, dois grupos têm sido principais alvos de violações: os jovens e as mulheres. Alguns jovens que apenas estão passando são parados e perguntados sobre por que usam boné, estão tarde na rua ou são sugestionados a irem para casa depois de meia-noite. Um jovem teve a roupa tirada e ficou de sunga no meio da rua. (GOULART, 2014)¹¹

Queremos mostrar que segurança pública é direito de todos, mas que não se resume apenas à polícia. Sofremos violência quando falta água; sofremos violência quando falta luz e também saneamento básico; sofremos violência com a falta de qualidade da escola e o péssimo atendimento de saúde. Também é violência quando o governo faz a política pública na favela sem participação do morador. Sem a garantia de uma vida digna, os moradores de Manguinhos não podem ter paz. Por isso não existe segurança pública sem a garantia de todos os direitos.¹²

De acordo com os artigos 136 a 141¹³ da Constituição Federal brasileira, nas declarações do Estado de Defesa e do Estado de sítio, é prevista a possibilidade de suspensão temporária e justificada de parte dos direitos civis. Em outras palavras, o Estado de sítio ou de exceção é aquele que suspende temporariamente alguns direitos a fim de garantir uma determinada ordem social. A categoria território de exceção parte do pressuposto de que a ação do Estado em favelas como Manguinhos é inconstitucional visto que, apesar de legalmente estarmos em pleno Estado democrático de direito, são admitidas em territórios como esses medidas de exceção, que vão muito

¹⁰ Carta do Fórum Social de Manguinhos contra as violências de Estado, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 2013. A carta foi escrita em resposta ao assassinato dos moradores Paulo Roberto Pinho de Menezes e Mateus Oliveira Casé, mortos ao serem abordados por policiais da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora). A população acusa policiais pelas execuções. O Fórum Social de Manguinhos existe desde 2007 e é um espaço que reúne moradores, instituições, movimentos sociais que defendem a cidadania e os direitos sociais, através da participação direta na concepção, construção, execução, monitoramento e controle social das políticas públicas em Manguinhos.

¹¹ Disponível em: [http://www.canalibase.org.br/a-cartilha-de-manguinhos/?fb_action_ids=743149699063619&fb_action_types=og.likes&fb_source=feed_opengraph&action_object_map={%22743149699063619%22%3A605149609566106}&action_type_map={%22743149699063619%22%3A%22og.likes%22}&action_ref_map=\[\]](http://www.canalibase.org.br/a-cartilha-de-manguinhos/?fb_action_ids=743149699063619&fb_action_types=og.likes&fb_source=feed_opengraph&action_object_map={%22743149699063619%22%3A605149609566106}&action_type_map={%22743149699063619%22%3A%22og.likes%22}&action_ref_map=[]) Acessado em 20 de fevereiro de 2014.

¹² Trecho retirado do folheto de divulgação do 2º sarau de Manguinhos, construído pelo Fórum Social de Manguinhos em 22 de fevereiro de 2014.

¹³ O artigo 136, em seu caput, trata da declaração do Estado de Defesa: “O presidente da República pode, ouvidos o Conselho da República e o Conselho de Defesa Nacional, decretar estado de defesa para preservar ou prontamente restabelecer, em locais restritos e determinados, a ordem pública ou a paz social ameaçadas por grave e iminente instabilidade institucional ou atingidas por calamidades de grandes proporções na natureza.” O decreto presidencial que estabelecerá tal estado deve ser encaminhado para apreciação do Congresso Nacional num prazo de vinte e quatro horas, que deve aprová-lo por maioria absoluta em um prazo de dez dias contados a partir de seu recebimento. Caso contrário, o decreto perderá a validade. A constituição prevê que no território de vigência do Estado de Defesa haverá restrições dos direitos de: I) reunião, ainda que exercida no seio das associações; II) sigilo de correspondência; III) sigilo de comunicação telegráfica e telefônica. O prazo de vigência deste dispositivo é de trinta dias, prorrogáveis por mais trinta se persistirem as razões que justificaram sua decretação.

além das previstas na Constituição, vale lembrar. A não oficialidade da lógica de exceção presente nas favelas torna esses territórios ainda mais vulneráveis e dificulta o processo de reivindicação pela supressão desse Estado de exceção não declarado, como é discutido a seguir:

Há certa crueldade a mais na condição de “território de exceção” diante de “estado de exceção”. O último é declarado oficialmente, mesmo que não explicitamente use o termo “de exceção”. Já “território de exceção” passa por toda a sorte de violações à vida sem, contudo, anular a oficialidade à imagem de um Estado Democrático de Direitos. Se o Estado de Exceção é aquele que suspende temporariamente uns direitos para supostamente garantir outros, no território de exceção a supressão de direitos se dá sem aviso prévio ou data de encerramento. A exceção torna-se regra inscrita no cotidiano dos moradores de favela. (EUGÊNIO & MELO, 2013, pg. 4)

Como afirma Leonardo Bueno, “as favelas vivem Estado de exceção não declarado legalmente, mas territorializado no cotidiano de seus moradores e trabalhadores” (BUENO, 2010, pg. 43). Felipe Eugênio, um dos idealizadores do Ecomuseu de Manguinhos, encara esse cenário como uma ameaça à democracia e a participação popular.

Difícil reivindicar, bradar por mudanças, num lugar onde sobreviver está agregado à resignação como atitude modelar – o que, diante do risco de vida, torna-se uma atitude no mínimo sábia, fazendo um caminho inverso ao de uma democracia ativa. (EUGÊNIO, 2010, pg. 4)¹⁴

2.3 O conceito de ecomuseu

Em contextos de favelas como Manguinhos, marcadas pela ausência de garantia de direitos, projetos voltados para a cultura têm se configurado como forma estratégica de intervenção e mobilização política. Vê-se assim o surgimento de iniciativas, como ecomuseus, que se destacam pelo modo participativo de gestão e organização de seus pares, e pelo posicionamento crítico frente à realidade do território em que está inserido.

A palavra ecomuseu é composta pelo prefixo “eco” e pelo termo “museu”. A partir daí podemos inferir que ecomuseu tenha seu significado associado à ecologia e ao aspecto museológico. De fato. Mas, talvez, não no sentido corrente que esses termos carregam. Tanto a concepção de ecologia quanto a de museu precisam ser revisitadas para que se chegue ao entendimento do conceito em questão.

¹⁴ Trecho do Plano de trabalho da Rede CCAP em apoio ao curso de produção audiovisual: “Memória, cidadania e projetos culturais”, promovido pelo Ecomuseu de Manguinhos.

O termo Museu, mitologicamente, nos remete às musas – *Mousáon*, em grego, espaço intelectual de manifestação das musas. Para a museóloga Tereza Cristina Scheiner, as musas são “a expressão do gênio criativo do Homem”.

Elas têm o poder de tornar presentes os fatos passados e os fatos futuros, de restaurar e renovar a vida, de “fazer o mundo e o tempo retornarem à sua matriz original e ressurgirem com o vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez (HESÍODO *apud* SCHEINER, 2008, pg. 60).¹⁵

Filhas de Zeus e Mnemòsyne, as musas são o eco da criação, é através delas que sabemos como se deu o surgimento do mundo, suas histórias, seus mitos, os elementos simbólicos que nos constituem. Elas se expressam através da tradição oral, por meio da ação dos poetas, da palavra cantada e ritmada. No panteão grego, as musas têm o papel de manutenção da identidade do seu próprio mundo, são a expressão criativa da memória. São elas que têm o palácio Olímpio e que cantam “no exercício de manter o ser das moradas em que cantam” (HESÍODO *apud* SCHEINER, 2008, pg. 61).

Desde a Grécia antiga, o museu é um espaço de memória e exposição, tendo um caráter de templo onde o conhecimento é protegido e as musas preservadas. Geralmente, os objetos, documentos e instalações que o compõem estão abrigados em um prédio institucional que recebe os visitantes. “O Museu Templo, em sua origem, surgiu da necessidade do homem de ter um espaço para guardar documentos que expressassem a sua memória, surge, assim, da necessidade de se 'guardarem' mitos, crenças e códigos da cultura de grupos específicos” (BRULON, 2006, pg. 20). Para Scheiner, a restrição do museu ao templo é um fator limitador do mesmo:

Como espaço físico, o templo das musas estaria irremediavelmente vinculado à ideia de preservação: um templo é um relicário, um local de guarda das coisas sagradas, acessível apenas a poucos; é solene, é o espaço do ritual - um espaço de reprodução, devotado muito mais à permanência do que à criação. Não é possível imaginar a dessacralização do templo, sua própria existência se justifica pela mística do ritual. O templo é um local de reverência, de ocultação do novo, de repetição do já experimentado. Aberto ao culto público é também um espaço impessoal, onde os “sacra” (objetos sagrados, símbolos religiosos), transformam-se em espetáculo. Não há espaço para as musas num lugar assim (SCHEINER *apud* SCHEINER, 2008, pg. 60)

É comum também nesse modelo (museu templo) que exista uma separação entre os que produzem a arte e aqueles que a contemplam, além de um distanciamento físico entre o museu e a rua. No trecho abaixo, Scheiner critica o museu convencional por

¹⁵ Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/6/19>

historicamente ser um instrumento a serviço da elite burguesa. Para ela, é preciso desmistificar essa noção de museu a fim de pensarmos outras organizações museais possíveis:

Pois o Museu, como hoje é conhecido, é um dos mitos da sociedade burguesa- é uma representação criada pela burguesia para instituir-se enquanto detentora dos processos e produtos da memória do mundo. E se a ideologia burguesa pode, sem encontrar resistência, apresentar o teatro, a arte, o homem burguês, como o teatro, a arte, o homem eternos, também pode apresentar o museu burguês como o museu eterno, como o único museu possível na história do homem. E assim já o fez, ao instaurar como modelo paradigmático de museu o Louvre, instituído na França pré- revolucionária como espaço de poder real e redefinido precisamente a partir de 1789, como produto cultural da Revolução que legitimou, no mundo ocidental, o estatuto burguês. E também porque, de todos os produtos e representações da burguesia, o museu é o que menos tem sido percebido enquanto mito, e isso tem permitido que venha sendo usado, quase sempre, para gerar uma fala reificada sobre as relações entre o humano e o mundo. (SCHEINER, 2008, pg.59)

Uma outra abordagem é a perspectiva proposta por José Reginaldo Santos Gonçalves e é a partir dela que podemos começar a pensar no conceito de ecomuseu. O antropólogo sugere que os museus sejam entendidos enquanto espaços integrantes dos modernos sistemas de arte e cultura por meio dos quais os indivíduos inseridos em diversas categorias sociais representam e constituem simbolicamente suas inter-relações e sua inserção na sociedade (2007). De fato, museu e cultura estão intrinsecamente relacionados. O museu tem um papel importante no que toca à cultura, a auto-referências humanas, à memória coletiva, à compreensão da história. Através dele o homem pode vir a conhecer as próprias evidências culturais para uma maior compreensão da realidade. Para Scheiner, o poder do museu reside justamente na evidência da cultura material e nos processos culturais como testemunhos da criação. Contudo, essa ferramenta não está, ou historicamente não esteve, a serviço de todos.

De acordo com Gonçalves, no contexto das modernas sociedades ocidentais o museu vem sendo associado aos espaços da “alta cultura” ou “cultura erudita” em detrimento das culturas populares ou de massa. Estaria assim demarcado social e simbolicamente por uma relação de “superioridade” ou supremacia frente às demais expressões culturais, evidenciando uma concepção cultural própria do ocidente moderno em que a cultura veio a ser “objetificada” (HANDLER *apud* GONÇALVES, 2007, pg. 83).

Gonçalves lembra que esse entendimento difere, por exemplo, de algumas sociedades tribais. Enquanto a concepção moderna de museu opõe a experiência cotidiana e as relações sociais a um lugar considerado “nobre” com função de abrigar objetos destinados a preservação e contemplação (GONÇALVES, 2007), "essas sociedades pensariam a cultura como algo intimamente ligado às experiências sagradas e profanas da vida cotidiana e ao contexto das relações que estruturam essas experiências" (GONÇALVES, 2007, pg.83).

Nesse sentido, a partir da metáfora das musas, que representam a capacidade de seduzir, comunicar, presentificar ideias e resgatar memórias, Benoist pensa o museu como manifestação dinâmica humana não sujeita a lugar específico:

Diz a tradição que, tão logo nascem, as Musas instauram o coro e a festa, acompanhadas das Graças (Khàrites) e do Desejo (Hímeros). A arte das Musas é, portanto, a arte da sedução e da envolvimento. Eis aí toda a beleza, o fascínio e a força de expressão das palavras cantadas: as Musas evoluem em torno da fonte da Memória e do altar de Zeus, expressão do poder da divindade, forte filho do Tempo - seduzindo os ouvintes com a sua voz. Não seria este, portanto, o verdadeiro Museu - o Mousàon, espaço de expressão das Musas, de (re)criação da natureza e do mundo das idéias, contido na idéia mesma enquanto criação? O verdadeiro Museu, que não está sujeito a um lugar específico, mas que é fato dinâmico, eternamente a conjugar memória, tempo e poder, recriando-se continuamente para seduzir o ouvinte pela sua voz? Desta maneira, pela re-enunciação e pela celebração, o mito se reatualiza, e o homem se torna contemporâneo dos deuses e daquele tempo primordial em que todas as coisas se criaram. (BENOIST *apud* SCHEINER, 2008, pg.61).

É a partir dessa concepção de um museu livre, sem muros, do questionamento do que de fato caracterizaria um museu, da metáfora de “libertação” das musas que, desde os anos sessenta e setenta, começam a surgir alternativas e possibilidades de encarar e democratizar essa ferramenta, como, por exemplo, a ideia de “Nova Museologia”, conceito que se propõe a rever o papel social do museu, como é explicado abaixo:

No que concerne à Nova Museologia podemos, sem dúvida, defini-la como uma “Museologia de ação”. Em certa perspectiva, parece essencial que se desenvolva um “Novo museu” caracterizado por outros objetivos e práticas que o diferem do “museu tradicional”. Para a Nova Museologia, o museu tradicional – modelo constituído no mundo ocidental ao longo do século XVIII, e transformado em seguida por toda a parte em norma para o desenvolvimento da instituição museológica – é profundamente marcado pelo projeto de construção de uma cultura nacional baseada no mito da homogeneidade cultural – segundo o qual uma cultura dominante é selecionada e elevada ao estatuto de cultura oficial em detrimento da

variedade de culturas existentes ou que existiram no passado, no território nacional. (BRULON, 2006, pg.4).

A obra *Nouvelles Museologies*, publicada na França em 1985, traz algumas ideias e textos a respeito desse novo movimento, entre eles o manifesto feito por Hugues de Varine, um dos idealizadores do conceito de ecomuseu. Os trechos a seguir revelam de forma enfática alguns dos princípios da nova museologia contidos nesse documento:

1. O objeto está ao serviço do homem e não o inverso; 2. O tempo e o espaço não se fecham entre muros e paredes; 3. A arte não é a única expressão cultural do homem; 4. O profissional de museu é um ser social, um ator da mudança, um servidor da comunidade; 5. O visitante não é um consumidor dócil, mas um criador que pode e deve participar da construção do futuro; 6. Porque o museu, para nós, é ou deve ser um dos instrumentos mais perfeitos que a sociedade se deu para preparar e acompanhar sua própria transformação (VARINE *apud* GONÇALVES, 2008, pg. 90)

A nova museologia explicita a fragilização das relações entre as elites e o museu, desconstruindo o mito do museu burguês e questionando que ele seja o único modelo possível na história do homem. O movimento leva assim a uma dessacralização da instituição museu, sugerindo sua substituição pela ideia de um “fato museal” ou “prática museal” abrindo espaço para a inclusão de outras práticas e formas que tradicionalmente estariam excluídas da categoria. Se é enfraquecida a rígida fronteira que delimitava o museu, fortalece-se, por outro lado, suas possibilidades de relação com a sociedade. É nesse contexto que os museólogos George-Henri Rivière e o já citado Hugues De Varine elaboravam os primeiros esboços do que seria a Ecomuseologia. Segundo Varine, o ecomuseu deve ser um instrumento comunitário que tem como objetivo o desenvolvimento da comunidade por meio de uma pedagogia global ancorada em atores sociais que construam o patrimônio local (VARINE *apud* BRULON, 2006). Para o autor, esse “novo museu” é diferente do museu tradicional, entre outras coisas, porque enfatiza o território em vez do prédio institucional, o patrimônio imaterial local no lugar da coleção, a comunidade e sua participação ativa em contraponto à lógica de um museu como espaço apenas para visitação.

Pensado o museu e alguns de seus significados possíveis, o que dizer do prefixo “eco” de ecomuseu? Quando falamos em ecologia pensamos de imediato na natureza, meio ambiente, plantas, animais. Isso porque, como afirma Bruno Latour em seu livro “Jamais fomos Modernos” (1994), no contexto da sociedade moderna ocidental há uma

construção histórica da diferenciação entre o que seria de ordem natural e o que seria humano, o social estaria num extremo e a natureza no outro. Embora a noção de ecomuseu dialogue com as questões ditas naturais e ambientais, é importante atentarmos aqui para o fato de que sua atuação não se restringe a esse aspecto. O ecomuseu não é estático e está em constante transformação, além disso, a concepção de ecologia é algo bastante complexo. “O conceito de ecologia estabelece que ela deve ser entendida como a ciência que lida com as relações entre organismos e o meio ambiente em que eles vivem. Esta noção compreende tanto a ecologia natural como a social.” (STRÁNSKÝ *apud* BRULON, 2006, pg. 9)

Ecologia deriva de "oikos", palavra grega que significa casa (*Oikos* = casa + *Logos* = conhecimento, estudo). Nesse sentido, eco também pode ser compreendido a partir da ênfase no território, no ambiente que nos rodeia, numa lógica de cuidar da casa, de compreender e intervir no universo habitado, pois como afirma Felipe Eugênio, o prefixo eco remete a casa numa concepção de ecologia humana onde as relações estabelecidas como tradição são de responsabilidade da comunidade que lhes confere caráter de patrimônio (EUGÊNIO, 2010).

Nesse aspecto, Félix Guattari (1989) propõe a noção de ecosofia, que é a relação entre as três ecologias: do meio-ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. Para ele é necessário que haja uma articulação ético-política entre esses três elementos. Já para Latour, uma separação entre ecologia natural e ecologia social não faria sentido visto que, de acordo com o filósofo, não existe o social num extremo e o natural do outro, mas, sim, naturezas-culturas, um mundo híbrido, social e natural ao mesmo tempo (LATOURE, 1994). Latour convida, assim, a transcender a dicotomia natureza X cultura tão característica do nosso tempo e, a partir daí, pensar ecologia de uma forma mais ampla.

A história de como surge a terminologia “ecomuseu” é casual e curiosa. Como conta Varine, o termo surgiu em 1971, um ano antes da Conferência Nacional das Nações Unidas sobre o meio ambiente, em Estocolmo. Os membros do ICOM (International Council of Museums) tinham interesse em inserir o museu como instituição que pudesse contribuir para o meio ambiente e a natureza. Assim, o termo foi criado num almoço em Paris, em que participavam o próprio Varine, Rivière, ex-diretor e conselheiro permanente do ICOM e Serge Antoine, Conselheiro do Ministro do meio ambiente. A partir das combinações que passavam pelas palavras chaves "ecologia" e

"museu" chega-se ao termo "ecomuseu". A ideia era tornar evidente a importância da instituição museológica para o contexto da época, levando em consideração a crise que o modelo de museu convencional atravessava.

A ideia de ecomuseu inaugura uma nova forma de se pensar o museu. Dessa outra postura museológica, podemos destacar algumas características como: o contato estreito com os habitantes locais, a participação ativa da população em sua concepção, funcionamento e avaliação, a ideia de que não existem visitantes, mas sim habitantes e colaboradores e a perspectiva de que a essência do museu não reside na exposição, mas na participação.

O ecomuseu pode ser definido como um instrumento comunitário, no qual o envolvimento do museu com o público consiste numa relação com a comunidade local visando a uma educação para a liberdade (BRULON, 2006). A ênfase, portanto, se dá não no objeto exposto em si, mas nos indivíduos que com ele se relacionam, compreendendo que os objetos não existem à revelia das interações humanas. O ecomuseu busca assim dessacralizar a instituição museu ao mesmo tempo em que também enfatiza o que não reside no material. Desse modo, considera-se importante uma noção patrimonial que valorize a esfera subjetiva:

O ecomuseu não está preso a lógica do passado, mas sim voltado para o futuro pensado a partir das possibilidades de transformação social da realidade. É um museu em movimento, para além de uma institucionalidade, patrimônio subjetivo e imaterial, daí a impossibilidade de aprisioná-lo em paredes quaisquer. Nele, o patrimônio local, em sua transitoriedade, é exibido não de forma imaculada e estável, mas a partir da interação dos signos com os moradores, nas relações dadas, nas redes construídas no vigor e energia da vida em movimento. (EUGÊNIO & MELO, 2012, pg. 8)

“A sedução do ecomuseu repousa na atração dos encontros que ele permite” (BRULON, 2006, pg.16). Nesse sentido, Varine afirma que o ecomuseu é também uma espécie de agitação intelectual. Enquanto comunitário ele trabalha a favor da comunidade em que está inserido tratando os problemas e questões nela presentes de forma crítica e transformadora, convidando a população a ser protagonista.

Apesar de tentarmos aqui desenhar uma definição para o conceito de ecomuseu é importante lembrar que essa ferramenta é mutável e capaz de adotar variadas formas, como afirma Brulon na citação abaixo. Mesmo a definição de museu pelo ICOM não está completa ou fechada. Por não estar restrito a um modelo, o que mais o caracteriza é

justamente essa fluidez, essa capacidade de se moldar a diferentes contextos, constituindo-se mais como processo do que coisa pronta:

O ecomuseu não é um modelo cristalizado e fechado, ao contrário, está sujeito a mudanças e adaptações que dependem da forma que o próprio homem irá conduzi-lo e compartilhá-lo. As Musas aqui estão livres e não mais presas ao templo. (BRULON, 2006, pg.20).

Quando o museu não se baseia apenas no material, mas em outras instâncias de percepção e medida da realidade é possível qualificar enquanto prática museal qualquer iniciativa que se proponha a criar, a contar e recriar o mundo. Ao expor objetos, selecionar histórias, classificar períodos, colecionar, exibir publicamente ideias, de forma concreta ou não, ao interagir com o público, ao resgatar memórias, ao sugerir possíveis futuros e variadas interpretações do passado, o museu não apenas expressa valores sociais como também os constrói. Daí a importância desse instrumento estar comprometido com a sociedade em que está inserido. Como fenômeno de criação e representação da experiência do humano, o museu deve ser livre e plural.

3- APRESENTAÇÃO DO ESTUDO DE CASO

Uma das questões a que se atém esse trabalho é como o conceito de ecomuseu, tratado acima, é apropriado na concepção e implementação do Ecomuseu de Maguinhos, presente na favela de Manguinhos, na zona norte do Rio de Janeiro. Para tanto, a organização em questão será apresentada nesse capítulo. Para entender do que se trata o Ecomuseu serão descritos aspectos como: história, objetivos, motivações, ações, estratégias, organização e forma como o Ecomuseu se apresenta ao público e aos seus órgãos financiadores. Também serão realizadas reflexões acerca da forma como são geralmente representadas as favelas e qual a perspectiva do Ecomuseu nesse contexto.

3.1 O Ecomuseu de Manguinhos: problematizando a representação da favela

A ideia de um ecomuseu em Manguinhos surge entre 2007 e 2008, época de implantação no local do programa do Governo Federal, PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), que ao mesmo tempo em que foi propagado como uma possibilidade de responder, em um só momento, às variadas reivindicações da comunidade, também figurava como mais uma das tantas intervenções do Estado brasileiro que alteram a vida dos moradores, como se diz coloquialmente, “sem pedir licença”.

Nesse contexto, começaram a acontecer debates com organizações da comunidade, entre as quais as turmas do Programa de Educação de Jovens e Adultos, o PEJA Manguinhos, localizado na região de Vila Turismo. Felipe Eugênio, então professor de história, atuava como mediador e provocador dessas conversas. Ele conta que as turmas elaboravam uma atividade com o objetivo de mapear as histórias das ocupações que deram origem ao Complexo de Manguinhos e debatiam acerca do futuro da comunidade diante das remoções de imóveis e instalações de aparelhos públicos. As opiniões dos estudantes refletiam insatisfação frente à forma como Manguinhos é tratado pelo Estado, expressando também desejo de protagonismo por parte da população e um questionamento do poder, da forma como se dá a entrada do Estado no território, como revela a fala de Cátia Nascimento, aluna egressa do Peja Manguinhos, que afirma: “o governo entra com políticas públicas, mas não pergunta ao morador qual

a política ideal. O próprio Estado, na verdade, nos violenta. Quem entende do território é quem vive nele”.¹⁶

Segundo Felipe, ao relatarem seus temores e esperanças, surgiu entre os estudantes a ideia de refletir se haveria um patrimônio no local onde viviam. No depoimento abaixo, ele relata algumas de suas impressões sobre esses debates:

Durante os debates acerca do patrimônio do território de Manguinhos, os estudantes do Peja, de início, mal encontravam definições para a comunidade que escapassem dos estigmas que o cenário de opressões fabricava. Esse foi um reflexo bastante assustador de como o ocaso social afetava a auto-estima desses moradores, constituindo ali, naquela sala de aula – mas também em quase toda a favela –, como que retrato não-mais-alegórico, um bando de exilados na própria terra. Pessoas que moram onde não podem morar; tanto por conta do preconceito de fora da favela, como por conta do vazio de referências positivas (marcadas simbolicamente) dentro da favela. (EUGÊNIO, 2009, pg.6)¹⁷

Iniciou-se, a partir daí, um processo voltado para pensar estratégias de resgate das diferentes culturas que formam a comunidade e reunir os diversos atores locais com o objetivo de reforçar valores identitários. Os debates se ampliaram, passaram por inúmeras concepções até que, ao largo de mais algumas semanas de reuniões e pesquisa, chegou-se à teoria que definiria um ecomuseu: sistema de gestão comunitária do patrimônio imaterial que, em sua própria organização dos comuns, já configura uma instituição museal, desta vez, porém, calcada em concepção dinâmica do que seja patrimônio. Abaixo, um trecho do relatório de atividades do PEJA-Manguinhos que marca esse período de gênese do Ecomuseu:

Surgem daí as idéias de um centro cultural da localidade, no qual teríamos, de forma permanente, um museu da comunidade. Este que não serviria apenas para reflexão de como Manguinhos se constitui como território ocupado pelos seus primeiros moradores, mas principalmente para marcar aquele espaço com as trajetórias de sua gente ao largo dos anos, destacando episódios e personagens que constituem o imaginário social que lhes é próprio e identitário – e que se descole da estereotipação e dos preconceitos aos quais uma favela é

¹⁶ Declaração realizada na oficina “Política pública, participação social e governança em favelas: a experiência do Complexo de Manguinhos”, que aconteceu no Fórum Social Temático, na cidade de Porto Alegre, em 26 de janeiro de 2012.

Disponível em: http://www.redeccap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=145:por-um-outro-mundo-possivel-manguinhos-em-debate&catid=44:institucional&Itemid=1

¹⁷ Citação retirada do formulário de inscrição do Ecomuseu de Manguinhos submetido ao Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura e Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro.

filiada, tais como violência e barbárie. (EUGÊNIO *apud* EUGÊNIO, 2008, pg 8) ¹⁸

Felipe, que também é bolsista da Cooperação Social da Fundação Oswaldo Cruz¹⁹, levou o assunto para a instituição, o que resultou no I Colóquio Ecomuseu de Manguinhos que aconteceu em fins de 2007 nas dependências da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) da FIOCRUZ. Trazendo a questão: “É possível pensar na emersão das subjetividades em tempos de exceção?”, o evento contou com a participação de moradores de Manguinhos e dos convidados/palestrantes Mário Chagas, museólogo do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, o cientista social Gilson Silva, coordenador executivo do Programa de Implantação do Campus Fiocruz da Mata Atlântica- Jacarepaguá, além do próprio Felipe Eugênio. Na ocasião, foram discutidos aspectos teóricos sobre a nova museologia e debatidas experiências como o Museu da Maré e Museu da Vida (FIOCRUZ) a fim de pensar estratégias possíveis de intervenção sócio-cultural através do aparelho comunitário em questão.

O Ecomuseu de Manguinhos, criado oficialmente em 2009, é o resultado da articulação entre três organizações: Ministério da cultura, através do seu programa Mais Cultura (o que o caracteriza também como ponto de cultura), o convênio com a Fiocruz e a parceria com a OSCIP ([Organização da Sociedade Civil de Interesse Público](#)) Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Socialmente Justo, democrático e Sustentável, mais conhecida como Rede CCAP, localizada em Vila Turismo, Manguinhos.

¹⁸ Trecho do relatório de atividades do Programa de Educação de Jovens e Adultos, Manguinhos, 2007, retirado do artigo “Ecomuseu de Manguinhos – a memória dos gestos no desenvolvimento local” escrito e apresentado por Felipe Eugênio dos Santos Silva no Seminário Internacional Ciência e Museologia – Universo Imaginário- MUSEATEC (2008).

¹⁹ “A Coordenadoria de Cooperação Social tem como objetivo o fomento, acompanhamento e articulação dos projetos sociais desenvolvidos pela Fiocruz. Conduz e induz a produção, difusão e compartilhamento de conhecimentos e tecnologias sociais desenvolvidos por meio de metodologias integradoras e participativas, voltados para a redução das desigualdades e iniquidades socioambientais e tendo como base os valores da solidariedade e da defesa dos direitos humanos, da transparência, do diálogo social e da democracia participativa. Sua missão está alinhada com o posicionamento Fiocruz que afirma a necessidade de reduzir vulnerabilidades e riscos relacionados aos determinantes sociais da saúde – modos de viver, condições de trabalho, habitação, ambiente, educação, lazer, cultura e acesso a bens e serviços essenciais. Por isso, tem como princípio atuar junto aos segmentos e categorias populacionais e territórios em situação de vulnerabilidade social e ambiental para otimizar e potencializar a sustentabilidade cultural, política e econômica das políticas públicas promotoras de saúde.”. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/apresentacao-7> . Acessado em 10 de abril de 2014.

O Ecomuseu desenvolve ações voltadas para os campos da cultura, história e comunicação e seus principais produtos até o momento são: pesquisa de história social do território envolvendo moradores e as propostas, ainda em construção, de um portal de comunicação na internet e a rádio web Manguinhos Livre. Da pesquisa de história social já resultaram a exposição itinerante Manguinhos: Território em Transe, produção audiovisual com o desenvolvimento de dois documentários de média metragem, Retalhos de uma Manta Coletiva e Pés no mundo, exibidos nas ruas, escolas, entre outros espaços de Manguinhos.

Outras ações realizadas até a data de conclusão deste trabalho foram: curso de formação em audiovisual; o seminário “Experiências de Ecomuseu em Manguinhos e Colônia Juliano Moreira: Educação, comunicação e cultura em territórios de exceção”, realizado em novembro de 2013, na Fiocruz; oficinas para construção de pesquisa de história social do território envolvendo moradores; algumas intervenções, como os eventos “A exposição tá na rua” e a “Mostra Cultural de Manguinhos” e a recém criada “Rede Manguinhos Tem Cultura”, uma rede de artistas e agitadores culturais - moradores e militantes - que atuam em Manguinhos.

Atualmente, a equipe do Ecomuseu é constituída por cerca de 10 pessoas, entre as quais a autora deste trabalho. O grupo é marcado pela heterogeneidade. Nele há moradores e não-moradores de Manguinhos de diversas áreas como bolsistas da Fiocruz, artistas, jornalistas, cineastas, historiadores, estudantes, produtores culturais, acadêmicos e não acadêmicos.

Uma forma de entender o que é e a que se propõe o Ecomuseu de Manguinhos é conhecer como o próprio se apresenta ao público. Nesse sentido, vejamos como ele é descrito em seu perfil do facebook, que conta até o momento de conclusão dessa pesquisa com 1.362 amigos:

O Ecomuseu de Manguinhos é um coletivo integrante da Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Socialmente Justo, democrático e Sustentável, a Redeccap, OSCIP que há mais de 20 anos atua em Manguinhos. Somos um coletivo de mobilização de um território favelizado, um instrumento comunitário que, trabalhando especialmente na proposta da comunicação compartilhada, visa promover atividades de emersão das identidades e memórias locais, construindo assim uma cultura de participação. Na tecnologia do Ecomuseu, desenvolvida no Ponto de Cultura de Manguinhos, se busca amálgama dos produtores de arte e cultura do território – e também de fora do território – para instaurar (disputar) novos signos no bairro a partir da participação social e da formação de redes de intercâmbio cultural-artístico. Nossa missão é, através de práticas de comunicação – documentários, rádio e internet - reforçar o tecido

social provocando valores de cidadania a partir do processo de socialização de valores construídos coletivamente por membros da comunidade.²⁰

Quanto aos seus objetivos, de acordo com o projeto²¹ do Ecomuseu se definem como:

- Promover ações culturais protagonizadas por atores locais, contribuindo para aumentar a auto-estima das populações residentes em comunidades em situação de vulnerabilidade social no entorno do campus Fiocruz Mangueiras;
- Fortalecer a integração sinérgica do tecido social local, através do aumento das referências coletivas ao território, cultura, história e redes familiares, de vizinhança e solidariedade comuns aos membros destas comunidades, tendo em vista que o senso de pertencimento é condição de cidadania para a mobilização e reivindicação do Estado democrático de direito e para a promoção da saúde enquanto produção social de determinação múltipla e complexa;
- Contribuir para a reflexão dos moradores sobre o seu próprio passado, evidenciando a possibilidade da criação de condições que permitam a autonomia dos sujeitos, superando as relações de clientelismo presentes no território, de forma a encontrarem soluções enquanto cidadãos que podem interferir na política nos variados níveis de atuação, do controle até à proposição de políticas públicas em assuntos que afetem diretamente suas vidas. (EUGÊNIO, 2008, pg. 9)

Como é possível apreender dos trechos acima, os objetivos do Ecomuseu remetem a questões como resgate histórico, protagonismo local, solidariedade e construção coletiva de novas representações sobre o território. Dessa forma, esses itens serão analisados de forma mais detalhada no próximo capítulo.

Como se vê, a necessidade de criar diferentes referências simbólicas sobre o local e as pessoas que nele vivem e de resgatar outros valores, identidades é recorrentemente enfatizada. Essa é uma questão central para o Ecomuseu, isso porque algo que causa grande incômodo nos moradores é a forma como Mangueiras é geralmente retratado na mídia e no discurso corrente, sempre associado à violência, ao tráfico, sendo comumente relacionado a metáforas de guerra como “faixa de gaza”.

²⁰ Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseu.demangueiras/info?collection_token=100004645123905%3A2327158227%3A8

²¹ Objetivos descritos no plano de trabalho do Ecomuseu de Mangueiras (2010) e no artigo “Ecomuseu de Mangueiras – a memória dos gestos no desenvolvimento local” escrito e apresentado por Felipe Eugênio dos Santos Silva no Seminário Internacional Ciência e Museologia – Universo Imaginário-MUSEATEC (2008).

Uma análise dos jornais comerciais O Globo e Folha de S. Paulo realizada em 2005 e 2006 por Raquel Paiva e Gabriela Nóra corrobora essa visão dos moradores. Na pesquisa constatou-se o quanto a temática “tráfico de drogas/violência” predomina sobre os demais assuntos na representação de favelas do Rio de Janeiro. Das 462 matérias selecionadas na editoria Rio [O Globo], 314 (68%) trataram de questões relacionadas ao tráfico de drogas e/ou à violência. Entre as matérias que não se focavam no eixo da violência, 46,6% se referiam a problemas de expansão desordenada das favelas, promovendo uma legitimação das remoções. (PAIVA & NÓRA in PAIVA & SANTOS, 2008: 21). Nesse sentido, pode-se concluir que há um enfoque na representação da favela através de aspectos negativos, evidenciando uma deficiência por parte da mídia hegemônica na cobertura de outros assuntos no que concerne às comunidades periféricas.

O evento “Caminho da paz com garantia de direitos”, realizado nos anos de, 2004, 2005 e 2012, e organizado por atores sociais (moradores, organizações e entidades públicas) locais é um exemplo de tentativa da população de responder a esses estigmas. Durante um dia inteiro, o evento interdita a avenida que dá acesso a Manguinhos, Leopoldo Bulhões, com a proposta de reunir a população para reivindicar a garantia de direitos sobre o território. A manifestação também procura trazer atividades artísticas com o objetivo de questionar a forma como Manguinhos é representado, afirmando que há, no local, algo além da violência. Na ocasião do último evento, a moradora Norma Maria deu o seguinte depoimento:

A Leopoldo Bulhões é conhecida como faixa de gaza. E, na verdade, faixa de gaza não é o título que a gente queria ter de comunidade. Aqui tem muitas mulheres e homens guerreiros. Acho que esse nome é muito pesado pra gente. Violência está em tudo quanto é lugar. Violência é só caveirão e tiroteio? Não. Violência maior é aquela em que você não consegue exercer os seus direitos. Violência é o que eles fazem com a gente. (MARIA, 2012)²²

No livro *A invenção da favela*, Lícia do Prado Valladares trata de como ao largo da história foram construídas mistificações sobre os territórios favelizados. Um desses mitos é a ideia da favela como espaço dissociado da cidade. Em meados dos anos 60, a escritora Carolina Maria de Jesus, então moradora de uma favela paulista, descreveu em seus diários, que dariam origem ao livro “Quarto de despejo”, como percebia a favela em oposição à cidade:

²² Em entrevista para a matéria: “Leopoldo Bulhões recebe o Caminho da paz”. Disponível em: <http://www.virusplanetario.net/leopoldo-bulhoes-recebe-o-caminho-da-paz-3/>

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de *viludo*, almofadas de *sitim*. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1997, pg.: 33)

Cidade e favela não são contextos isolados, e sim interligados e diretamente relacionados. A favela é uma extensão da cidade, é parte dela. Segundo Bueno, a construção dessa diferenciação tem servido para eximir de responsabilidade e culpa um Estado que deveria atender a todos. Para o geógrafo e pesquisador da Fiocruz, é impossível segregar completamente a favela. O que há, em contrapartida, é uma incorporação desigual do espaço urbano marcada pela lógica do medo:

Não é possível segregar, confinar e apartar de forma absoluta a favela da cidade. A progressão da tecnologia bélica, agravada pela concentração de recursos nos setores de segurança pública, adquiriu uma escala que incorpora toda a cidade em uma dinâmica desigual e combinada em que diferentes formas de amedrontamento e violências também correspondem a um estado de medo generalizado (BUENO, 2010, pg.: 44)

Nesse sentido, Valladares afirma que as favelas são encaradas como a “outra metade da cidade”, aparecendo, como foi dito, como o território da violência e da pobreza, da ilegalidade frente à cidade “legal”. “Essa associação, quase sistemática, entre pobreza e criminalidade violenta fez da favela sinônimo de espaço fora da lei, onde bandidos e policiais estão constantemente em luta” (VALLADARES, 2008: 20).

A favela é representada como o epicentro de uma série de formas de violência. Esse tipo de associação ao crime, entretanto, é perigoso, pois contribui para que esse espaço seja entendido como território inimigo que deve ser enfrentado e ocupado de maneira arbitrária. O tratamento de territórios favelizados como “caso de polícia” colabora para o reforço de políticas de segurança violentas que criminalizam a população pobre.

As representações midiáticas contribuem para a construção do imaginário social, daí a grande responsabilidade dos meios de comunicação que devem ser questionados e repreendidos ao promoverem discursos opressores e que privilegiam não o bem comum, mas interesses puramente comerciais e particulares daqueles que estão no poder, cerceando assim a liberdade de expressão ao privilegiarem apenas um lado, homogeneizando visões de mundo, padronizando comportamentos. Dessa forma, as citações a seguir chamam atenção para a responsabilidade da mídia:

Cabe à mídia uma destacada contribuição nas informações sobre violência, pois essa ocupa na sociedade contemporânea um papel

importante como mediadora social, como agente de socialização, ao lado da família, da escola e de outras instituições (Rey,1993). Desse modo, a televisão e demais meios de comunicação são instrumentos, dispositivos culturais e sociais. Quando nesses meios circulam informações sobre o tema violência, é de forma banalizada, gerando muitas vezes um clima de medo e pânico na sociedade. (NJAINÉ, SOUZA *et al*, 1997, p.412)²³

A notícia é um produto cultural que, para além do ato de informar, situa os indivíduos na complexidade das relações sociais contemporâneas. É através dela que a audiência experimenta cotidianamente percepções do mundo e dos espaços de convívio. Por esta razão, muito mais do que simples ferramenta de comunicação dos fatos cotidianos, a notícia deve ser pensada a partir dos sentidos culturais que dissemina. (PAIVA & NÓRA, 2008, pg. 19)

Segundo Raquel Paiva e Gabriela Nóra, “a mídia é responsável pela criação e difusão de preconceitos que aprofundam as diferenças sociais” (PAIVA & NÓRA, 2008, pg.26). Ao reafirmar estereótipos e estigmas reduz-se a complexidade dos problemas relacionados a favelas, o que dificulta o debate aprofundado sobre as questões sócio-político-econômicas que envolvem o tema. Nemézio C. Amaral Filho afirma que o uso nocivo do estereótipo no discurso social contribui para a “naturalização do terrível”, daquilo que pra nós deveria ser estranho (AMARAL FILHO, 2009). Segundo Bhabha (2002), o estereótipo pode ser compreendido da seguinte forma:

O estereótipo é aquela ferramenta que isola o outro e assim mantém distância entre as pessoas não apenas entre as sociedades, mas no interior das próprias sociedades. O estereótipo age no campo da subjugação simbólica, mas com resultados práticos concretos. BHABHA *apud* AMARAL FILHO, 2009, pg.76)

Assim, ao representar o território apenas através dos signos da violência os meios de comunicação contribuem para a criminalização do território e a legitimação de políticas de segurança autoritárias e violentas. Porque, ao criar um estado de medo generalizado e apresentar uma visão maniqueísta dos fatos, em que haveria de um lado o mal (traficantes) e do outro o bem (Estado, polícia) fortalece-se a ideia de que a favela é “caso de polícia”. A partir daí a supressão da liberdade e de direitos constitucionais são legitimados por um discurso reducionista que criminaliza a população pobre e “autoriza” um Estado de exceção permanente em que em nome da supressão de uma “grande mal” medidas de caráter autoritário e excludente são admitidas, como foi discutido acima na abordagem da categoria território de exceção. Na matéria Disputas

²³ Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/csp/v13n3/0165.pdf>

simbólicas removem moinhos? Manguinhos e o Ecomuseu”, publicada na revista *Vírus Planetário*, essa questão é discutida:

Quando a moradora Túria de Souza afirma “eles só vêem nossa comunidade como prostituta, traficante e ladrão”, é sinal de que existe, também na representação sobre o morador de favela, práticas de violência. Quando a jovem Gabriela Soares não se sente retratada como pessoa, mas como marginal, - “a sociedade trata a gente como marginais. Eles não tratam a gente como pessoas, mas sim como projetos de marginais”- está claramente expressa aí uma relação de opressão que, entre outras coisas, se dá por meio da linguagem e da construção de sentido, campos que passam pela comunicação. E que também interferem, por exemplo, na obtenção de um emprego – especialmente no momento de dizer onde mora. (MELO, 2012, pg: 8)

²⁴

Os moradores de Manguinhos, bem como de outras favelas, percebem a força desse discurso na concretude de suas vidas, por isso é coerente e legítimo que queiram criar outras narrativas sobre o local onde vivem. E o fato dessas narrativas serem construídas pelos próprios moradores é algo que legitima a iniciativa do Ecomuseu de Manguinhos. Ainda que o coletivo conte com a participação de pessoas dos mais variados locais, destaca-se o fato do trabalho da equipe se propor a ser em conjunto e em diálogo com a população, contando, inclusive, com a presença moradores na equipe. Os integrantes do Ecomuseu de Manguinhos se colocam assim como mediadores e catalisadores das histórias que os moradores julgam serem merecedoras de serem contadas. Como lembra Amaral Filho, o direito de construir nossas próprias representações é algo fundamental:

Dessa maneira, comunicar a si próprio, e, da maneira mais independente possível, é questão central. É por isso que, quem detém os meios da representação, sempre está em vantagem, uma vez que é de um julgamento estético e, nesse sentido, ético, o que fundamenta nossa argumentação: julgamos pelo que as coisas nos parecem ser, fundamentalmente porque, em sentido amplo, os mecanismos de apreensão simbólica, principalmente aqueles proporcionados pela grande mídia (cinema, jornalismo, publicidade e, agora, internet), nos apontam nessa direção: padrões de beleza, de comportamento, quer dizer, orientações para o nosso desejo coletivo. (AMARAL FILHO, 2009, pg. 80)

Algo também presente tanto na descrição quanto nos objetivos do Ecomuseu é a ideia de que é possível contribuir para a transformação da realidade de Manguinhos, marcada pela ausência de políticas públicas e do acesso a direitos básicos, através do

²⁴ Disponível em: http://www.redeccap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=156:disputas-simbolicas-removem-moinhos-manguinhos-e-o-ecomuseu&catid=44:institucional&Itemid=1 Acessado em 10 de novembro de 2013.

trabalho de resgate de valores locais, do trabalho conjunto, do estímulo ao pensamento crítico, ao questionamento, ao protagonismo da população, da criação e veiculação de conteúdos que estejam da contramão daqueles divulgados pelos meios de comunicação de massa.

Nesse sentido, é possível afirmar que o Ecomuseu se apropria das ferramentas de comunicação como instrumento de luta. Ou seja, há um propósito aqui colocado que vai além da questão puramente estética, e que passa pelo uso consciente e intencional da comunicação com fins de transformar uma dada realidade. Como é dito nos objetivos do Ecomuseu descritos acima “o senso de pertencimento é condição de cidadania para a mobilização e reivindicação do estado democrático de direito”. Ou seja, há uma postura propositiva. O Ecomuseu tem como uma de suas finalidades contribuir para uma atitude de mobilização e reivindicação social, o que seria provocado através da construção e socialização de outras representações sobre o território.

4- NARRATIVAS EM DISPUTA: UMA ANÁLISE DO ECOMUSEU DE MANGUINHOS

Apresentado o Ecomuseu de Manguinhos, que relações seria possível fazer entre ele e o conceito de ecomuseu, idealizado por George-Henri Rivière e Hugues De Varine? Nesse capítulo, será realizada uma análise do estudo de caso em questão, relacionando-o com o conceito teórico de ecomuseu e pensando algumas de suas ações a partir do seguinte recorte: a ausência de um prédio institucional, discutindo-se a ideia de um museu mais voltado para a participação do que para a visita; o protagonismo local nas ações desenvolvidas pelo Ecomuseu; a apropriação do resgate histórico pelo Ecomuseu de Manguinhos e uma análise de um dos documentários do coletivo, o filme “Retalhos de uma manta coletiva” a fim de refletir sobre como o Ecomuseu constrói narrativas acerca do território em que está inserido, Manguinhos.

4.1 Ecomuseu: o conceito e a prática

Em seu livro “Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios”, José Reginaldo Santos Gonçalves chama atenção para o fato de que com os debates provocados pela nova museologia e o questionamento da instituição museu passam a ser entendidas também enquanto prática museal ações realizadas para além do espaço institucional de um museu convencional, como, por exemplo, aquelas desenvolvidas junto à determinada comunidade, a um bairro, numa pequena cidade, em colaboração com determinado grupo ou categoria social (GONÇALVES, 2007). O Ecomuseu de Manguinhos se insere nesse conjunto de novas práticas museais que lidam diretamente com uma comunidade, em cooperação com uma dada população. O próprio nome “Ecomuseu de Manguinhos” já sugere um caráter local, comprometido com o território em que está inserido. De fato, o Ecomuseu se propõe a dialogar diretamente com Manguinhos, atento às suas questões, problemas, perspectivas. Numa via de mão dupla, ao mesmo tempo em que transforma o território também é transformado por ele.

Desse modo, o Ecomuseu de Manguinhos não é e nem poderia ser um museu convencional visto que aposta mais no sujeito do que no objeto, no aspecto relacional do que no material. Muitos moradores de Manguinhos nunca foram a um museu dito convencional, por exemplo. Seja porque geograficamente os museus, assim como outros

espaços de atividade cultural, ocupam preferencialmente as áreas mais privilegiadas da cidade, seja porque historicamente o hábito de frequentar museus foi restrito a uma elite, ou ainda porque esse tipo de expressão cultural não dialogue o suficiente com as questões e a população de uma favela como Manguinhos. Enfim, existem muitas justificativas possíveis, mas o fato é que há uma camada da população com a qual o museu tal como o conhecemos pouco ou nada interage. Assim, propostas mais inclusivas, como a ideia de ecomuseu, são necessárias e dialogam mais diretamente com o território de Manguinhos e com a iniciativa do coletivo em questão. Portanto, pode-se afirmar que o Ecomuseu de Manguinhos vai ao encontro da proposta teórica de ecomuseu apresentada nesse trabalho.

Varine afirma que o ecomuseu deve ser um instrumento comunitário. Mas o que é ser comunitário? Pensando no âmbito da comunicação, segundo Cicília Peruzzo, um elemento fundamental que caracteriza um veículo de comunicação comunitário seria a participação efetiva da comunidade na produção do seu conteúdo. De acordo com a autora, meios de comunicação comunitários surgem num contexto de concentração dos meios de comunicação e contradição na legislação que os rege. São meios que visam comunicar outras leituras da realidade e efetivar o direito à comunicação para além da recepção, mas também na produção de conteúdo. De acordo com Raquel Paiva, eles surgem pela vontade de se produzir um discurso “sem filtros e intermediários” (PAIVA, 2003, p. 139).

Há ainda uma série de outras características que vão identificar o meio de comunicação comunitário, como: (GONÇALVES *apud* PERUZZO, 2010, p. 42): ausência de fins lucrativos; programação comunitária; gestão e propriedade coletiva; interatividade; valorização da cultura local; compromisso com a cidadania; atuação pela democratização da comunicação.²⁵ Compreendendo o ecomuseu como uma ferramenta de comunicação, podemos afirmar que o Ecomuseu de Manguinhos busca atuar como instrumento comunitário, estando em diálogo com as características sugeridas por Peruzzo.

²⁵ Cabe lembrar, porém, que esses atributos, apesar de contribuírem muito para a reflexão sobre meios comunitários, são definidos no âmbito acadêmico e devem funcionar enquanto possibilidade e não como limitação. É possível que existam outros meios que não se enquadrem nas características descritas acima e estes não devem ser deslegitimados a princípio, pois o meio comunitário se dá essencialmente no trabalho prático, em intensa interação com a realidade, com seu campo de estudo/trabalho, com o território e seus habitantes. E a realidade é algo mutável, passível de mudanças e novas apropriações. Por isso o meio comunitário não deve ser limitado a aspectos puramente teóricos, e, sim, estar em constante diálogo com eles.

Entendendo que o Ecomuseu de Manguinhos é um projeto amplo e que, por questões de tempo e espaço não seria possível analisá-lo em todos os seus aspectos nesse trabalho, optou-se pelo recorte das seguintes questões para a análise do coletivo e problematização da relação entre a proposta teórica e a sua realização na prática: a ideia de um museu sem muros, em que se discute a ausência de um prédio institucional, o Ecomuseu em oposição a uma lógica meramente expositiva de museu, assunto debatido no primeiro capítulo com base nas proposições de Varine, Rivière, Brulon e Scheiner; a questão do protagonismo local, que Peruzzo destaca como essencial num meio comunitário; o resgate histórico, que envolve a valorização da cultura local, fortalecimento do pertencimento e de identidades locais, aspectos também enfatizados pela comunicóloga e por Varine; e, por fim, uma análise, um pouco mais detalhada, de um dos documentários do Ecomuseu, o Retalhos de uma manta coletiva, a fim de refletir sobre o desejo de comunicar outras leituras da realidade, do qual fala Peruzzo e Paiva, o que toca na construção de outras narrativas e a disputa no campo das representações.

4.2 Um museu sem muros

Chama-se atenção aqui para uma questão física. O termo museu sugere e pode causar em algumas pessoas a expectativa por um lugar pensado para ser visitado. O que, realmente, acontece. Perguntas como “onde é o Ecomuseu de Manguinhos?” “O que tem nele?”, “É um museu com exposições ecológicas?” “Como faço para visitar?” são corriqueiras e desafiam seus integrantes a explicarem cotidianamente a seu público algo ainda novo e pouco conhecido.

Como foi explicado na parte conceitual, o ecomuseu busca subverter a lógica tradicional de museu e isso inclui a liberdade de não estar preso às paredes de um edifício. Como foi colocado no segundo capítulo desse trabalho, Scheiner faz uma crítica a restrição do museu ao templo afirmando que “como espaço físico, o templo das musas estaria irremediavelmente vinculado à ideia de preservação: um templo é um relicário, um local de guarda das coisas sagradas, acessível apenas a poucos; é solene, é o espaço do ritual - um espaço de reprodução, devotado muito mais à permanência do que à criação” (SCHEINER *apud* SCHEINER, 2008, pg. 60).

Ao contrário dessa noção de museu templo, o Ecomuseu de Manguinhos tem como objetivo ser um espaço de criação e acessível a muitos e, principalmente,

construído por muitos, de forma participativa. Desse modo, o Ecomuseu não tem um prédio, nem um curador que dita o que (e como) será visto. Há uma outra perspectiva que trabalha na lógica de patrimônio imaterial da história e cultura, como explica Eugênio:

Nossa ideia não é monumentalizar a pobreza e as tragédias de Manguinhos e sim fazer com que as pessoas construam dessas diferenças pra com uma cidade ideal, reflexões para autodeterminação do próprio horizonte de expectativas. Isso fará do Ecomuseu um aparelho cultural vivo porque reconhece cultura no trabalhar a terra, o território, trabalhar novas estéticas – e éticas (EUGÊNIO, 2012) ²⁶

Desse modo, o Ecomuseu não é um museu para ser visitado. Suas práticas museais (exposição, apresentação de filmes, instalações, debates, pesquisa, entre outras) se dão de modo itinerante, como bem exemplifica a exposição Manguinhos: Território em Transe, pesquisa sobre a história social do território de Manguinhos que conta com uma exposição itinerante, que percorre o território em escolas e espaços de convívio coletivo²⁷.

Há, no entanto, um espaço “oficial” destinado a algumas atividades. Importante destacar que por questões burocráticas é preciso muitas vezes a declaração legal de uma sede, existindo uma cobrança pela descrição de um local de trabalho no momento de se candidatar a editais, por exemplo, ou no preenchimento de relatórios, havendo, inclusive, a fiscalização desse local com visitas anuais de unidades de fiscalização, como a Diplan (Diretoria de Planejamento Estratégico), unidade de apoio à Fiocruz²⁸.

Essa questão remete ao fato de que o modelo de museu enquanto ecomuseu é ainda pouco conhecido e reconhecido, havendo dificuldades para sua implementação visto que, apesar de ideológica e conceitualmente o ecomuseu ser entendido como uma organização livre da obrigatoriedade de uma sede ou lugar fixo, na prática isso é ainda cobrado por seus financiadores, como convênios, Ministério da Cultura, instituições

²⁶ Em entrevista para a matéria “Disputas simbólicas removem moinhos? Manguinhos e o Ecomuseu”.

Disponível em: http://www.redeccap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=156:disputas-simbolicas-removem-moinhos-manguinhos-e-o-ecomuseu&catid=44:institucional&Itemid=1

²⁷ Ver em: <http://www.territorioemtranse.com.br/> Acessado em 10 de fevereiro de 2014

²⁸ A Diplan é uma Unidade de apoio à Presidência, ao Conselho Deliberativo e a outros órgãos da Fiocruz na tomada de decisões estratégicas. Oferece assessoria e subsídios para a formulação, implementação e avaliação de políticas públicas de saúde, assim como de instrumentos e processos de planejamento e gestão. A Diplan mantém relacionamento permanente com os núcleos de planejamento das diversas unidades da Fiocruz, além de promover reuniões periódicas de seus representantes no Fórum de Planejamento. Suas atividades incluem a análise e a avaliação de documentos e propostas de natureza estratégica da Fiocruz e das esferas federais de gestão, a elaboração e a aprovação de convênios e o cadastro de projetos no Fundo Nacional de Saúde. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/diretoria-de-planejamento-estrat%C3%A9gico-diplan>

públicas. Esse aspecto reforça a importância de um debate atual sobre outras formas de práticas museais, como o ecomuseu.

A partir do entendimento de que o Ecomuseu faz parte da Rede CCAP, foi reservado no Espaço Casa Viva²⁹, antigo prédio em Vila Turismo que comportava estúdios de gravação, um espaço destinado ao Ecomuseu de Manguinhos. A Rede CCAP atua há mais de vinte anos no território de Manguinhos e declara ter como missão a defesa e promoção dos direitos humanos e o estímulo ao desenvolvimento local³⁰. Considera-se que a OSCIP apresenta um saber acumulado sobre construções de tecnologias sociais nos campos da educação com programas e projetos como o Educação de Jovens e Adultos, comunicação Solidária, Projeto Jovens Urbanos e cursos livres baseados em temáticas que tratam de cidadania e promoção de direitos; além de cursos de educação musical, como a Escola de Música de Manguinhos. Desse modo, a Rede CCAP foi considerada por seus idealizadores como um lugar estratégico para o desenvolvimento das atividades do Ecomuseu de Manguinhos.

Como o conceito de ecomuseu postula, o espaço é mais de transição e encontro do que de exposição. Ou seja, dele não se pode esperar um museu com obras a serem expostas e visitadas. O trabalho consiste na maior parte do tempo, em atividades de campo, mas aproveita-se o espaço da Rede CCAP para diversas atividades como: oficinas, montagem de ilha de edição, armazenamento de equipamentos técnicos. Há também auditório para reuniões, além da interação com os projetos parceiros citados que também compartilham espaços físicos da edificação.

A sala especificamente voltada para o Ecomuseu conta com um computador e, atualmente, a equipe tem feito o que chama de “ocupação visual” do espaço, que consiste em dispor no lugar cartazes de documentários e atividades realizadas e também banners com a logo do Ecomuseu. O objetivo é criar uma identidade visual no local e tornar conhecidas algumas ações do Ecomuseu para parceiros, transeuntes e possíveis visitantes. Atualmente, essa sala tem sido mais utilizada para as atividades da “Rádio web Manguinhos livre”, como gravações e edições de programas e realização de entrevistas.

O Ecomuseu conta ainda com a parceria de outros espaços para suas atividades, como a Fiocruz, onde já foram desenvolvidas ações na Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Escola Nacional de Saúde Pública, Coordenadoria de Cooperação Social,

²⁹ O Espaço Casa Viva faz parte da Rede CCAP. Mais informações aqui:

<http://redeccap.org.br/blogcasaviva/>

³⁰ Ver em: <http://www.redeccap.org.br/>. Acessado em: 10 de fevereiro de 2014

Museu da Vida, entre outros. A Biblioteca Parque de Manguinhos é outra parceira, onde foi realizada a Mostra cultural de Manguinhos e acontecem frequentemente reuniões da Rede Manguinhos tem cultura. Conta-se também com os espaços Capela São Daniel e Igreja Santa Bernadete, localizados em Vila Turismo, onde ocorreram atividades como A exposição tá na rua e Memórias da resistência.

No Ecomuseu de Manguinhos, os integrantes da equipe têm a liberdade de desenvolverem suas atividades cotidianas de diversos lugares, inclusive de suas casas, se preferirem. Uma das integrantes da equipe, a designer Ingryd Calazans, atualmente mora fora do estado do Rio de Janeiro, inclusive. As trocas e o trabalho com ela se dão, dessa forma, totalmente por meio da internet. Não há assim uma carga horária diária a ser cumprida em determinado local, como é comum em espaços de trabalho tradicional. À exceção de quando se está organizando algum evento, quando a dedicação é mais intensa e as demandas maiores, a dinâmica de trabalho costuma se dar da seguinte forma: a equipe se reúne e cada um se responsabiliza por uma determinada atividade. Geralmente, os responsáveis por algumas ações permanentes, como rádio web, exposição itinerante e portal, já estão definidos. Esse é um ponto considerado positivo, em geral, por levar em conta as especificidades de cada participante da equipe e facilitar o processo criativo, garantindo que o trabalho seja realizado de forma mais livre e autônoma.

Contudo, percebe-se alguns problemas com relação a esse modelo: o primeiro é com relação a infra-estrutura, especialmente para atividades de comunicação. O segundo é que, como o Ecomuseu não tem uma regularidade para a realização de reuniões, muitas vezes a equipe fica espaços de tempo relativamente longos sem se encontrar fisicamente o que dificulta a troca de informações e o conhecimento recíproco do desenvolvimento da atividade de cada um, tornando assim o trabalho pouco integrado. Há um consenso de que a realização de encontros regulares e a construção de uma agenda de trabalho comum seriam soluções possíveis para a dificuldade relatada, como foi discutido em uma das reuniões do Ecomuseu:

A falta de coesão entre membros da equipe, dentro de nossa conversa, teve como decisão coletiva que seria superada a partir do momento em que criássemos encontros regulares com todo mundo. Mas, para além disso, construirmos uma agenda com missões nas quais queremos todos envolvidos³¹

³¹ Trecho do relatório de reunião do Ecomuseu, em 15 de novembro de 2012.

4.3 Sobre o protagonismo local

A partir do que foi apresentado sobre o Ecomuseu de Manguinhos no capítulo anterior é possível dizer que o coletivo procura utilizar-se da tecnologia ecomuseal a fim de colaborar para uma maior compreensão da realidade e uma melhor relação do homem com o seu entorno, numa perspectiva ecológica que, como foi debatido anteriormente, compreende a associação entre o natural e o social. Pode-se afirmar também que o Ecomuseu trata das relações dos moradores com o território, entendendo a população enquanto protagonista, capaz de construir, transformar e intervir no local onde vive.

Partindo desse princípio, o Ecomuseu dialoga diretamente com o conceito teórico proposto por Varine e Rivière, posto que visa trabalhar a serviço de uma sociedade democrática, colaborando para o seu desenvolvimento social e cultural, como está descrito no plano de objetivos do coletivo e em sua apresentação ao público no facebook e como enfatiza Eugênio ao afirmar que “o Ecomuseu de Manguinhos trabalha numa lógica de pactuação com o público local e que sua proposta obtém sucesso quando a participação do público se transforma em práticas de cooperação entre os habitantes” (EUGÊNIO, 2010)³². No texto de apresentação da “Rádio web Manguinhos livre” esse aspecto também é destacado:

Com a formação de uma rede de atores sociais representando a si e aos seus, ecoando suas mensagens e manifestos, tocando suas músicas ou suas preferências musicais, voltar-se-á a atenção para aqueles que são postos como sujeito oculto na oração... Essa forma, não nos sustenta mais. Agora, os antigos sujeitos ocultos, serão os sujeitos cultos da oração principal.³³

Na construção da exposição itinerante Manguinhos: Território em transe a importância da participação direta da população também é ressaltada, compreendendo que os moradores são sujeitos ativos e não fontes frias e sem vida:

Uma história como essa não pode ser escrita sem a participação direta dos moradores. Afinal, nossas principais fontes não estão disponíveis nos arquivos e bibliotecas oficiais, mas na memória e na fala das pessoas que vivem ou viveram nesse lugar. E pessoas vivas, falantes, não são apenas fontes, mas leitores e ouvintes cheios de expectativas, o que torna a nossa experiência de escrita ainda mais peculiar. Nosso trabalho, portanto, se faz a partir de uma contínua troca com

³² Em entrevista à autora.

³³ Retirado do texto de convite para a primeira reunião da Rádio Web Manguinhos Livre realizada no dia 13 de setembro de 2013.

moradores, pesquisadores e interessados em geral, ocupados em entender um pouco mais sobre esse território.³⁴

Brulon também chama atenção para a importância do trabalho coletivo e o protagonismo dos habitantes na construção de um ecomuseu:

Como ressalta Varine, o ecomuseu é uma agitação intelectual e por esse caráter mobilizatório aposta no coletivo, no trabalho conjunto, daí estar sempre procurando agregar pessoas e trabalhar em rede. O que o ecomuseu postula, mais do que uma participação do público, é uma cooperação dos habitantes. Assim os habitantes são chamados a tornarem-se atores, mais do que figurantes, e a atuar na construção de um museu que é para eles e que está voltado para sua cultura. (BRULON, 2006, pg.7)

Desse modo, “o funcionamento do Novo Museu é baseado na participação ativa dos membros da comunidade” (BRULON, 2006, pg.5). Nessa perspectiva, a comunidade não é vista como um objeto de estudo, mas como parte dele. Os moradores não são meros visitantes ou receptores passivos, mas construtores do ecomuseu, agentes de transformação, encarados como indivíduos conhecedores das questões que concernem à sua própria história e seu meio ambiente. A compreensão de que “o visitante não é um consumidor dócil, mas um criador que pode e deve participar da construção do futuro” (VARINE, 1985) implica numa mudança radical de postura do profissional de museu, encarado, sob essa ótica, como um servidor da comunidade. Nesse sentido, o trabalho do pesquisador deve estar numa perspectiva horizontal e em constante parceria com a população, como explica Brulon:

Isto implica em um novo papel para o museólogo profissional. Trata-se de fornecer aos membros da comunidade os instrumentos conceituais e materiais de trabalho, permitindo-lhes fazer parte do processo de coleta, preservação, pesquisa, e difusão, considerando o seu patrimônio como objeto. O museólogo não é, nessa perspectiva, o especialista encarregado de deliberar a verdade, mas um “catalisador” a serviço das necessidades da comunidade. Seu objetivo é o de tornar-se cada vez mais supérfluo, para desaparecer logo que a comunidade possa, de maneira independente, encarregar-se do processo que ele iniciou. É um papel difícil de cumprir, porque o museólogo deve evitar sucumbir ao paternalismo, ao missionarismo, ou mesmo ao gosto pelo poder. (BRULON, 2006, pg.5)

Essa forma de trabalho está em consonância com o que é denominado por Michel Thiollent como pesquisa-ação:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a

³⁴ Disponível em: <http://www.territorioemtranse.com.br/>

resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2005, pg.16)

De acordo com a postura tradicional, muitos pesquisadores consideram que, de um lado, os membros das classes populares não sabem nada, não têm cultura, não têm educação, não dominam raciocínios abstratos, só podem dar opiniões e, por outro lado, os especialistas sabem tudo e nunca erram. Este tipo de postura unilateral é incompatível com a orientação “alternativa” que se encontra na pesquisa-ação (e pesquisa participante). (THIOLLENT, 2008, pg. 73)

O protagonismo local nas ações ecomuseais é assim considerado essencial. Para pensar como esse aspecto se dá no caso do Ecomuseu, serão discutidas algumas ações. Desde a sua concepção, a participação ativa da população é uma condição para a existência do Ecomuseu que, como foi descrito no capítulo anterior, surge nas salas de aula do PEJA- Manguinhos a partir do questionamento dos moradores sobre o local onde vivem. Desse modo, a dinâmica de trabalho busca priorizar a participação local. A metodologia para a produção dos roteiros dos filmes e escolha dos temas, por exemplo, envolveu diretamente a população. A captação do que filmar foi feita em assembleias com os moradores mobilizados, entre outras coisas, por cartazes em todas as comunidades de Manguinhos com os dizeres: “venha contar a história de Manguinhos”. Para Eugênio e Melo, essa lógica de produção compartilhada é o que garante a legitimidade do trabalho:

Sobre os produtos mais mesuráveis, que são Exposição de História Social, chamada Território em Transe, os documentários de curta metragem e o portal de internet, neles estão contidos procedimentos de construção compartilhada do conhecimento, como a construção dos roteiros num formato não meramente consultivo, senão dependente dos saberes presentes na comunidade como condição para alcançar um trabalho de qualidade – e legítimo. (EUGÊNIO & MELO, 2013, pg.10)

Posteriormente, no momento, de realização dos documentários, procurou-se também priorizar a fala dos moradores. Retalhos de uma manta coletiva, conta com 6 moradores entrevistados: Geni Maria dos Reis, Denise Reis, Cátia Nascimento, Graça Cerri, Danielle Cerri, Neyson Candeias. Todos que produziram diretamente o filme, em seus aspectos técnicos, dentre eles 2 moradores, tinham algum vínculo com Manguinhos, seja militando, seja como professores, pesquisadores da Fiocruz. Para além de números, ressalta-se nesse filme o protagonismo da população na investigação

de um conceito, a solidariedade, a partir do olhar e das experiências da comunidade, a construção de narrativas por quem as vive.

O outro documentário “Pés no mundo” nasce diretamente de estudantes do PEJA- Manguinhos. Nesse filme, os moradores saem da posição de entrevistados e assumem a postura de entrevistadores que indagam ao longo da história uma palhaça argentina, Valéria Berreta, que havia sido professora de palhaçaria deles, em uma disciplina de artes. Foram mais de 10 moradores envolvidos na produção de um filme que fala sobre a liberdade. Nesse documentário, o protagonismo se dá também na condução da trama, nas diversas possibilidades de interpretação, no debate sobre como fazer um filme, por que fazer um filme em contextos como Manguinhos.

Se o processo de construção dos documentários pode ser considerado participativo, o momento pós- produção, no entanto, é passível de algumas críticas. Em reunião do Fórum social de Manguinhos, no dia 18/03/2014, em que integrantes do Ecomuseu estavam presentes com a finalidade de propor uma parceria para a construção de um plano de cultura de Manguinhos, a historiadora, participante do Ecomuseu, Renata Oliveira, levantou a seguinte questão: muitas pessoas que participaram dos documentários não tiveram retorno dos mesmos, o que segundo Renata foi questionamento também da entrevistada Denise dos Reis, que soube por terceiros que o filme do qual estava participando estava sendo divulgado na internet. Oliveira considera que seria importante a realização de um evento para apresentação dos documentários, primeiramente, para aqueles que participaram, com objetivo, inclusive, de ouvir dessas pessoas suas opiniões sobre o resultado final.

Essa ação sugerida por Renata foi acolhida pelo coletivo e entrou em seu planejamento para o ano de 2014. Contudo, até o momento de conclusão desse trabalho, o Ecomuseu encontrava-se no aguardo da liberação de recursos para a realização da atividade. Para a ocasião, está previsto também a entrega de um DVD com cópia dos documentários para cada participante de ambos os filmes. Foram impressas capas de DVDs com recursos de 2013, mas as cópias encontram-se inviabilizadas também por questões econômicas.

O protagonismo local é perseguido também e, principalmente, no dia a dia de trabalho. Atualmente, cerca de metade das pessoas que integram a equipe do Ecomuseu são moradores de Manguinhos. Além disso, mesmo os não moradores estão integrados ao território através do trabalho de campo e da militância. O Ecomuseu de Manguinhos

procura assim, nas palavras de Eugênio, “formar uma rede de atores sociais a partir da interação de pessoas que moram e militam na favela com outros militantes e não militantes, moradores ou não, a fim de tensionar sobre questões que contribuam para a ressignificação de Manguinhos por quem o vive, com as diretrizes constituídas no seio dos moradores, numa experiência de cidadania ativa e criativa” (EUGÊNIO, 2013) ³⁵. A Mostra Cultural de Manguinhos exemplifica bem essa fala. O evento, que aconteceu no dia 20 de julho de 2013, no teatro que fica nas dependências da Biblioteca Parque de Manguinhos, foi organizado pelo Ecomuseu em parceria com o projeto Cais³⁶ e o Coletivo de integração artística de Benfica (CIAB) ³⁷. O objetivo da mostra foi reforçar simbolicamente que Manguinhos é um local marcado pela arte, com presença de inúmeros artistas em contraponto a representação hegemônica que estigmatiza e limita o território à violência, como é explicitado no texto de apresentação do evento:

Tais marcas simbólicas são importantes de serem destacadas e analisadas com cuidado. Pois tais estigmas da violência associada aos territórios empobrecidos da cidade impedem a circulação dos moradores da cidade por todos seus bairros. É a criminalização da pobreza associada que, embarcando na cultura do medo e do preconceito, criam os invisíveis, mas muito perceptíveis, “muros ao redor das favelas”. No intuito de combater tais invisibilidades sobre quem vive em territórios de exceção, o projeto CAIS(ICICT/FIOCRUZ), o Ecomuseu de Manguinhos (Redeccap) e o Coletivo de Integração Artística de Benfica, se reuniram para construir a Mostra Cultural de Manguinhos, apresentando simplesmente o que de arte e cultura já está há muito tempo nas ruas, casas e espaços públicos do Complexo de Manguinhos. ³⁸

A Mostra reuniu 18 atrações, entre grupos e artistas individuais das mais diversas áreas e estilos (poesia, música, teatro, dança), e computou mais de 70 artistas que puderam se apresentar ao público de Manguinhos na ocasião. Além de reforçar valores positivos sobre Manguinhos, outro objetivo foi reunir atores locais a fim de provocar um debate, partindo da questão cultural, sobre o território a partir de quem o vive, como é demonstrado nesse trecho a seguir:

Reconhecendo que trata-se de um primeiro mapeamento dos artistas e coletivos de cultura presentes no território, a Mostra Cultural quer servir de ponto de encontro. E nisso, colaborar para que a convergência entre os fazeres artísticos e as dinâmicas cotidianas- que,

³⁵ Em entrevista à autora.

³⁶ O Projeto CAIS é uma iniciativa do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde e da Cooperação Social da Fundação Oswaldo Cruz.

³⁷ O Coletivo de integração artística de Benfica, CIAB, é um coletivo que visa aglutinar os agentes culturais do bairro de Benfica e adjacências.

³⁸ Disponível em: <http://manguinhoscultural.wordpress.com/mostra-cultural-de-manguinhos/> Acessado em 15 de fevereiro de 2014

por onde perpassam inúmeros signos e sentidos- façam valer identidades, outridades, e, enfim resgatar laços mais vivos e solidários entre o mundo do asfalto e o universo da favela.³⁹

Diferente de como se dá a maioria dos festivais, a Mostra cultural de Manguinhos não foi um evento em que os artistas estavam presentes apenas no dia do evento com a finalidade somente de se apresentarem e irem embora. Procurou-se integrá-los a todo o processo de produção, que levou cerca de 2 meses, como mapeamento de artistas, divulgação, infra-estrutura, comunicação. Vale lembrar que a Mostra foi realizada com muito pouco recurso, desse modo o trabalho voluntário e solidário foi essencial para sua realização.

Posteriormente, foi avaliado pela equipe do Ecomuseu que um fator importante para a mobilização dos atores para a Mostra foi a realização de pequenos vídeos de divulgação⁴⁰, com perfis dos artistas e convocações para o evento. O momento de filmagem e divulgação das chamadas, principalmente nas redes sociais, envolveu forte participação dos envolvidos. Além disso, esses vídeos contribuíram de forma positiva para a divulgação de artistas de Manguinhos e do próprio nome do Ecomuseu. Avaliou-se também que para próximos eventos do tipo o ideal é que a realização seja em lugares abertos, de preferência na rua e dentro da comunidade de Manguinhos. O objetivo é ocupar os espaços públicos da favela com arte e possibilitar que mais pessoas participem de iniciativas como a Mostra Cultural.

A Mostra Cultural de Manguinhos foi pensada para ser uma provocação para além de um dia de evento. Assim, com objetivo de manter viva a organização dos atores participantes e de outros que viessem a se unir posteriormente é criada, em julho de 2013, a Rede Manguinhos Tem Cultura, que “é uma rede de artistas e agitadores culturais - moradores e militantes - que atuam em Manguinhos”⁴¹ que tem como objetivo unir atores locais para a intervenção no território, como é explicado na descrição da Rede disponível no facebook:

Reconhecendo que há muitas redes de produção cultural já em plena atividade no Complexo de Manguinhos, essa rede se pretende agregadora das outras com o objetivo de ampliar a capacidade de diálogo e, posteriormente, de proposição de ações de intervenção no território através da arte e da cultura. A Rede Manguinhos Tem Cultura busca agregar mais e mais atores artísticos e culturais do território e, também, construir diálogo com tantos outros de fora de

³⁹ Disponível em: <http://manguinhoscultural.wordpress.com/mostra-cultural-de-manguinhos/>

⁴⁰ Os vídeos estão disponíveis no canal do youtube do Ecomuseu:
https://www.youtube.com/channel/UCR-sWpAPikU_HWLgfhcIVpA

⁴¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/162624800591493/?fref=ts>

Manguinhos. Dessa capacidade de articulação coletiva reforçamos a cultura popular e criamos condições para sua fruição na favela e para seu desdobramento: a discussão/intervenção do projeto de cidade que desejamos, que sonhamos e que lutamos para ter. Nosso teatro, nossa música, nosso cinema, nossa criatividade, nossa arte mesmo, ela não tem fronteira territorial que a prenda e, por isso, se pretende promotora de pontes com o mundo afora. Por hora, ainda, estamos na criação de mais alicerces pelas ruas e becos de Manguinhos. Alicerces de resistência negra, favelada, nordestina, feminista, pela diversidade sexual, alicerces de um projeto de sociedade mais solidária, e justa.⁴²

Apesar de ter um número inferior à quantidade de pessoas que participaram da Mostra, considera-se que a Rede Manguinhos apresenta uma interessante diversidade do que chamamos de “agitadores culturais”. No grupo de discussão do facebook são contabilizados 62 membros, contudo nas reuniões presenciais, que são abertas ao público, vale ressaltar, costumam estar presentes 20 pessoas em média.

Nas primeiras reuniões, algo que foi enfatizado pelo Ecomuseu foi a não relação de assessoria por parte dos coletivos que provocaram o nascimento da “Rede manguinhos tem cultura”, no caso, o Ecomuseu de Manguinhos, CIAB e projeto Cais, para com os atores culturais presentes, no sentido de reforçar o protagonismo de todos os participantes, afirmando que a Rede Manguinhos não é uma ação desse ou daquele coletivo, mas de todos que dele fazem parte. Essa era uma questão que causava alguma confusão, daí a importância de esclarecê-la.

As reuniões da Rede Manguinhos, realizadas sem periodicidade, mas com alguma regularidade na Biblioteca Parque de Manguinhos, têm como objetivo ser um espaço de troca de ideias para a formulação de ações na área da cultura em Manguinhos, daí surgem debates sobre captação de recursos, editais, eventos, intervenções, planos de cultura e políticas públicas.

Desses encontros já surgiram projetos como a Agenda Cultural Mandela Vive que tem como objetivo a realização de uma série de ações culturais em Manguinhos, na mesma perspectiva da Mostra Cultural, mas, dessa vez, com uma dimensão maior. O projeto foi aprovado com o edital da Prefeitura do Rio de Janeiro, no entanto, não será executado em 2014, como planejado, pois a previsão para liberação de recursos é apenas para 2015, por conta de um problema com a Fiotec, empresa que estava cadastrada no edital, e sobre a qual foi feita a inscrição do projeto.

A Fiotec teve seus recursos de 2014 multados pela prefeitura, no caso, os recursos recém aprovados no edital do ano de 2013. Segundo explicação dada, em edital

⁴² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/162624800591493/?fref=ts>

anterior, a empresa não havia executado todo o valor então aprovado, ficando para sua próxima inscrição a retirada do mesmo valor. Esse fato demonstra as dificuldades a que estão expostos projetos que dependem de editais, como é o caso do Ecomuseu de Manguinhos. Muitos são os imprevistos e problemas que, para resolução, não dependem diretamente dos coletivos propositores. A inviabilidade econômica, a dificuldade para captação de recursos e a instabilidade a que estão expostos projetos culturais que contam com recursos públicos, via edital, por exemplo, é um forte empecilho ao desenvolvimento de ações culturais territorializadas.

Até a conclusão desse trabalho, a Rede Manguinhos planejava a criação de um plano/manifesto sobre a cultura de Manguinhos construído coletivamente por atores atuantes no território e que tem como objetivo ser uma estratégia para apresentação nas instâncias públicas das demandas locais e também das potências nele já acumuladas. Para essa ação já foram realizadas reuniões com o Fórum e o Conselho Comunitário de Manguinhos. A ideia é que se atualize conjuntamente o Plano de Cultura elaborado pelo Fórum Social de Manguinhos entre os anos de 2009 e 2010. Há também o desejo de realização de uma segunda Mostra Cultural, apesar da ausência, no momento atual, de recursos. Para tal, os participantes da Rede estão em busca de parcerias que viabilizem a ação.

Pode-se afirmar que a Rede Manguinhos tem cultura é uma experiência bem sucedida de trabalho com base no protagonismo local, dado que é uma ação que envolve de forma ativa diversos atores locais que construíram e constroem juntos propostas e ações democráticas sobre o território. É o que também avalia Felipe Eugênio:

Essa nossa organização para fazer viva a Rede Manguinhos Tem Cultura nos tem oferecido uma riqueza – que não me surpreende - nos debates e nas trocas, que são, por si, e pelas intenções que apresentamos um sinal de que o território de Manguinhos pulsa forte na capacidade pensar radicalização da democracia através da resistência cultural (EUGÊNIO, 2013).⁴³

Algo que surgiu em algumas reuniões foi a necessidade de se pensar atividades para a integração do público infantil. Como garantir o protagonismo também desse grupo? Essa questão foi levantada porque é muito comum nas intervenções realizadas a presença de muitas crianças, à exemplo da Mostra Cultural. Esse fato se repete muitas vezes, especialmente quando as atividades se dão em espaços públicos, como ruas e praças. Foi o caso do evento “A Exposição tá na rua” que atraiu atenção de muitas

⁴³ Publicado no grupo de facebook da Rede Manguinhos tem cultura:
<https://www.facebook.com/groups/162624800591493/?fref=ts>

crianças ao levar a exposição Território em Transe para as ruas de Manguinhos, além de exibir o documentário Levante sua voz, também na rua, com fins de debater a democratização da comunicação. O evento contou ainda com apresentações musicais de funk e rap dos artistas do “Us neguim q não c cala”, Base D Criação, Na humilde Produz, Apafunk, Pinah ZS, Johnny Julião e Mano Teko e exposição fotográfica de um ex aluno do Peja Manguinhos, Wendel. Nesse sentido, atualmente o Ecomuseu tem também se preocupado em pensar como integrar o público infantil as suas ações de forma a adequar a essa faixa etária questões como linguagem e formato, pensando também em como incorporar esse grupo de forma mais orgânica ao trabalho do Ecomuseu. Contudo, no momento ainda não há nada resolvido sobre a questão.

A metodologia de assembleias, reuniões abertas ao público, a participação em espaços de discussão do território, como o Fórum Social de Manguinhos e o Conselho Comunitário, como foi visto, são estratégias utilizadas na tentativa de integrar a população ao Ecomuseu e que têm dados bons resultados, em geral. Contudo, o integrante da equipe, Neyson Candeias, responsável pela “Rádio web Manguinhos livre” avalia que uma das grandes dificuldades, tanto do Ecomuseu quanto de outros movimentos de Manguinhos que se pretendem participativos, é a mobilização e garantia do protagonismo da população. Um exemplo da dificuldade de mobilizar as pessoas para o debate para construção de ações coletivas é o caso da reunião de abertura da Rádio Web Manguinhos Livre, ocorrida em 13 de setembro de 2013, que apesar de ter cerca de 20 pessoas confirmadas no evento divulgado no facebook⁴⁴, contou com a presença de apenas 5. Importante ressaltar que a divulgação se deu também através de emails ou mesmo por convocações realizadas pessoalmente. No texto de convite foi enfatizada a importância da participação da população na construção da rádio:

Nós, da Radio Web Manguinhos Livre, queremos convidá-los a compor os "nós" dessa Rádio Livre através da Web. De Manguinhos para outros territórios, pois o limite será apenas o de uma conexão banda larga, convocamos piratas insurgentes do globo a programar, gerir seus próprios quadros musicais e principalmente, visibilizar os direitos tão nossos, que quando falamos que são humanos, superdimensionam o que deveria ser pauta diuturna! Tod@s estão convidados a participar da reunião de abertura de nossa grade de programação, para apresentarmos o espaço físico da rádio web manguinhos livre e nos conectarmos nesta rede de empoderamento através da comunicação radiofônica, com enfoque nos direitos humanos, tão nossos e tão afastados dos territórios de exceção! Resgataremos esses direitos através da nossa voz, pois a comunicação e a liberdade que a circunda também são di-

⁴⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/158771007656148/>

reitos humanos. Leiam o nosso texto inaugural e venham com suas idéias e projetos compor a Rádio Web Manguinhos Livre!⁴⁵

É possível avaliar nesse caso que a ausência de divulgação visual, com cartazes espalhados pela comunidade, por exemplo, pode ter contribuído para a esvaziada presença de moradores na reunião. É preciso levar em conta que em contextos marcados por problemas de ordem econômica, como Manguinhos, nem todos tem acesso à internet e, logo, esta, pode não ser em alguns casos a ferramenta mais eficaz para mobilização.

A essa questão, Neyson, que é morador de Manguinhos, estudou no PEJA e antes de integrar a equipe do Ecomuseu trabalhava como garçom, acrescenta que também é difícil mobilizar a população devido a algo bastante prático: as pessoas que vivem em Manguinhos são, em sua maioria, trabalhadores e não dispõem de tempo para se dedicarem a questões culturais e políticas, “na maior parte do tempo, elas estão mais preocupas em sobreviver” (CANDEIAS, 2014)⁴⁶. De fato, percebe-se que há dificuldade em manter uma integração em longo prazo, com reuniões mais constantes. É muito comum que os encontros para construção conjunta de alguma ação vão se esvaziando com o passar do tempo. Pensar trabalhos de gestão coletiva contemporaneamente implica necessariamente encarar desafios como esse, numa sociedade consumida por más condições de trabalho e de vida, o que afeta todas as suas outras dimensões.

4.4 Sobre resgate histórico

Quando um homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação.
(SANTOS *apud* FERNANDES & COSTA, 2009, pg. 11)

Algo que também está relacionado às musas, quando as associamos ao museu, é o poder de resgatar memórias, identidades, de nos fazer reviver experiências passadas. Desenhar a história dos homens é também perseguir suas marcas, por isso é tão importante esse tempo ido, o passado que as musas reencarnam em forma de canto e arte, importante porque refletir sobre ele pode contribuir para projeção de um determinado futuro.

⁴⁵ Texto convite para a reunião inaugural da rádio, divulgado em emails e redes sociais.

⁴⁶ Em entrevista à autora.

O resgate da memória coletiva como ferramenta para reforço do tecido social e ressignificação do território é uma outra característica do Ecomuseu de Manguinhos que dialoga diretamente com a proposta conceitual de ecomuseu. Como é afirmado em sua definição no perfil do facebook, o Ecomuseu “visa promover atividades de emersão das identidades e memórias locais, buscando daí ver resultando uma cultura de participação presente no território”⁴⁷.

O museu é geralmente associado ao passado, à história. No âmbito da nova museologia, esse aspecto não é descartado, mas aproveitado de forma diferente, mais viva e dinamicamente. O ecomuseu também privilegia a memória, pois a partir dela é possível fazer emergir identidades. Hugues de Varine (1991) lembra que o território se constitui através de ações, relações e fluxos que constroem um patrimônio de bens materiais e imateriais partilhados pela população de uma comunidade. Trata-se de lembranças históricas que estão na memória de cada indivíduo e que contribuem para compor um tecido comum, embora com diferentes matizes, constituindo uma memória social. Felipe Eugênio afirma que, enquanto cidadãos, os moradores têm o papel de conservação e transmissão às gerações futuras do significado deste patrimônio comunitário “público”. Segundo ele, essa responsabilidade comunitária não se refere simplesmente a preocupação com o passado ou com objetos que se reportam a vivências passadas, tampouco ao colecionismo associado ao museu tradicional, mas se constitui, sim, em um ponto de apoio para o desenvolvimento territorial⁴⁸.

Como afirma Michel Pollak “o longo silêncio sobre o passado longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, pg.5). Desse modo, a recuperação das vivências através das lembranças, retirando do esquecimento aquilo que foi deliberadamente “esquecido” por grupos interessados em difundir outras versões, pode contribuir para refazer essa história e, sobretudo, para elevar a auto-estima comunitária, trazendo à luz versões alternativas àquelas difundidas por outros grupos quem detém o poder de comunicar aos milhões, como é o caso dos conglomerados de comunicação.

As várias versões de um acontecimento através da recuperação da memória oral e visual podem constituir um campo de disputa onde se defrontam as memórias silenciadas ou “esquecidas”, em favor de uma versão “oficial” ou de um grupo dominante, explicitando os conflitos entre os vários grupos em questão. Segundo

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/ecomuseu.demanguinhos?fref=ts>

⁴⁸ Em entrevista à autora.

Pollack, as memórias silenciadas, que ele classifica como subterrâneas, ao terem a oportunidade de invadir o espaço público, podem produzir reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis que se acoplam a essa disputa da memória (POLLAK, 1989).

Na perspectiva do Ecomuseu de Manguinhos, procura-se dar visibilidade a essa história silenciada e ocorrida paralelamente àquela oficial. Trata-se da valorização de outros conhecimentos e práticas como é enfatizado em relatórios de atividades do Ecomuseu, dos quais se destaca o seguinte trecho:

O objetivo não é revelar a “verdade” dos fatos, nem procurar consensos, sem conflitos, mas, dar voz a outras versões, valorizando conhecimentos e práticas esquecidas. Por outro lado, trata-se também não somente de recuperar “fatos” e “acontecimentos” que fazem parte da história diacrônica, mas também de valorizar as lembranças do cotidiano que se desenrola em sincronia com a história evolutiva oficial. (EUGÊNIO, 2010, pg.3) ⁴⁹

Nesse sentido, pode-se afirmar que, para o Ecomuseu, o fortalecimento do tecido social do território através da valorização das tradições culturais e da recuperação e registro da memória, apoiado na participação dos seus moradores, constitui uma estratégia para a formação de um território saudável. Acredita-se que este processo reforça a auto-estima individual e coletiva, terreno fértil para o desenvolvimento crítico fundamental no processo de constituição da cidadania. Ao mesmo tempo, contribui para o equilíbrio emocional do indivíduo ao reforçar laços sociais, promovendo o sentimento de pertencimento à comunidade, como é ressaltado num dos planos de trabalho do Ecomuseu de Manguinhos, em que se ressalta também o protagonismo local, já discutido no tópico anterior:

É fundamental que esta recuperação seja efetivada com o “olhar” ou “olhares” dos moradores. São eles que tomarão suas histórias em suas mãos, e a partir delas, perceberão caminhos e traçarão perspectivas. Os vários grupos formados, com diferentes visões decidirão o destino do material coletado e registrado através de diferentes técnicas. São eles que irão escolher, onde e quando expor, debater e apresentar os produtos das atividades do projeto. Ao mesmo tempo em que podem fazer e refazer as estórias à luz de novos depoimentos e perspectivas que surgirão nestes eventos, estabelecendo o jogo de espelhos de que fala Varine, onde cada um se reconhece na história apresentada ou indica restrições, adendos, novas interpretações, novos aportes levando à reconstituições e à novas atividades. Esta estratégia pode vir a “criar” raízes e sedimentar o pertencimento. (EUGÊNIO, 2010, pg.2) ⁵⁰

⁴⁹ Trecho do Plano de trabalho da Rede CCAP em apoio ao curso de produção audiovisual: “Memória, cidadania e projetos culturais”, promovido pelo Ecomuseu de Manguinhos.

⁵⁰ Plano de trabalho da Rede CCAP em apoio ao curso de produção audiovisual: “Memória, cidadania e projetos culturais” promovido pelo Ecomuseu de Manguinhos.

Nesse sentido, muitas das atividades do Ecomuseu de Manguinhos envolvem o resgate de histórias passadas, como no evento “Memórias da Resistência: a história de Manguinhos que passou pelos nossos olhos e pelas nossas mãos”, ocorrido no dia 21 de setembro de 2013, na Capela São Daniel, em Vila Turismo. O evento reuniu moradores antigos de Manguinhos com o objetivo de apresentar o resultado de dois trabalhos que envolveram diretamente a noção de resgate histórico: o documentário “Retalhos de uma Manta Coletiva” e a exposição itinerante “Manguinhos: Território em Transe”.

Os moradores convidados estiveram envolvidos, direta ou indiretamente, na realização dos produtos apresentados. A ocasião foi uma oportunidade de parte da população compartilhar suas experiências, que servirão de subsídio para o trabalho do Ecomuseu, e também uma forma do coletivo retornar para essas pessoas os produtos realizados até o momento. Foi uma oportunidade também para conhecer melhor personagens centrais para a história de Manguinhos, como Seu Bonsucesso, Seu Palito e Dona Celeste, membros Fundadores da Escola de Samba [Unidos de Manguinhos](#). Vale lembrar que a atividade foi registrada, especialmente as falas dos moradores, dado que estas serão base para trabalhos futuros e para a avaliação daqueles já realizados.

Como foi dito, os próprios produtos apresentados foram resultado de um resgate estratégico do passado a partir de um recorte específico, como é o caso da exposição itinerante Manguinhos Território em Transe que teve início em março de 2011 e foi realizada em conjunto pela União Ativista Defensora do Meio Ambiente – UADEMA e pela Coordenadoria de Cooperação Social/ Presidência da Fundação Oswaldo Cruz. Apesar de estar sempre em interação direta com o coletivo, apenas no início do ano de 2013 é que o projeto Território em Transe é integrado oficialmente ao Ecomuseu de Manguinhos.

Território em Transe tem como objetivo contar a história de Manguinhos sob a perspectiva das lutas políticas ocorridas no território e partir do olhar da comunidade, para tal foram realizadas entrevistas, individuais e coletivas, com moradores⁵¹ durante aproximadamente um ano. De acordo com Daniel Pinha (2012)⁵², integrante do Ecomuseu que esteve à frente do projeto, o objetivo durante as conversas foi provocar os moradores a pensarem a cidade e a história do território criticamente. Desse modo, um aspecto importante para o Ecomuseu é a articulação de iniciativas culturais

⁵¹ A exposição online e mais detalhes sobre o projeto estão disponíveis em: <http://www.territorioemtranse.com.br/>

⁵² Em entrevista concedida à autora.

comunitárias com a reflexão política a fim de contribuir para a percepção das possibilidades de mudança nas relações de dominação.

Pollack afirma que “a despeito doutrinação ideológica, as lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas” (POLLAK, 1989, pg.5). De fato, essa outra história, não contada em livros, não oficial e não ensinada nas escolas está viva e é fonte de resistência para a população. Desse modo, nesse processo de disputa no campo das memórias, Território em Transe procura resgatar e tornar conhecida essa outra história que trata, por exemplo, de como foram construídas com o passar do tempo desigualdades sociais, como se deu e se dá atualmente a resistência da população, quem são os personagens da história de Manguinhos, o que acontecia nesse local enquanto a história oficial (aquela de reis e rainhas, do descobrimento, dos grandes nomes e dos grandes feitos) era escrita. Para Daniel Pinha, coordenador do projeto, a afirmação de que Manguinhos tem uma história é uma forma de valorizar o território e de provocar nos moradores um sentimento legitimidade:

Parecia que ter uma história era privilégio de uma alta cultura, de um país, de um lugar distante e, para os moradores, imaginar que o lugar onde eles vivem tem uma história dá uma legitimidade ao território. Acreditamos que esse é um estímulo para uma relação mais direta entre a história e a vida, muito mais do que eles estão acostumados no estudo da história tradicional.⁵³

Como é possível ver no site do projeto, Território em Transe busca pensar a história de Manguinhos a partir da ênfase na resistência e luta de sua população. Um dos objetivos do trabalho é colaborar para a reivindicação por direitos protagonizada pelos moradores:

Nosso projeto visa, por meio da construção da história social de Manguinhos, mobilizar o protagonismo local de seus moradores por meio de ações coletivas, na luta por garantia de direitos. Entendemos Manguinhos como resultado histórico de um modelo de desenvolvimento urbano que produziu condições desiguais de cidadania para seus habitantes. De que modo essa imensa desigualdade social do Rio de Janeiro, refletida em Manguinhos, tem se construído ao longo do tempo? Eis a principal pergunta que nos provoca. Por outro lado, será que esse modelo de desenvolvimento foi simplesmente transplantado e recebido passivamente no contexto local? Acreditamos que não! Há disputa, recusa, resistência, luta coletiva, enfim, que compõem a história desse território. Trata-se de

⁵³ Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-exposicao-ta-na-rua>. Acessado em 15 de fevereiro de 2014

um lugar com vida própria também, espaço de experiências e criação, espaço de intensa produção de cultura.⁵⁴

Como foi dito, na ocasião do evento Memórias da resistência foi apresentado também um documentário fruto de um resgate histórico, o filme “Retalhos de uma manta coletiva”, que tem esse nome devido ao fato de ter sido realizado com base em depoimentos de diversos moradores que tinham em comum histórias e memórias sobre Manguinhos que passavam pelo tema solidariedade. O filme será analisado de forma mais detalhada no tópico a seguir.

No Curso de Audiovisual realizado pelo Ecomuseu o resgate histórico também foi priorizado. O curso aconteceu durante o ano de 2011 na Rede CCAP e contou com a participação de aproximadamente 10 moradores de Manguinhos. Os estudantes, além de aprenderem técnicas fotográficas e audiovisuais, passavam também por uma formação política. Os encontros, que aconteciam 2 vezes por semana, eram divididos em práticos e teóricos, este último com as aulas de “Política e Memória”, momento de debate sobre a história de Manguinhos e as questões políticas que envolvem o território. Essas aulas contavam com a presença de convidados, moradores ou não de Manguinhos, que tinham o papel de provocar a turma para a reflexão sobre o território.

Algumas questões que surgiam com frequência nessas discussões eram: a intervenção do Estado sobre o território, através da polícia, das remoções, da imposição de políticas não dialogadas com a população; a importância da reivindicação por direitos; debates sobre o monopólio da comunicação juntamente a críticas a forma como são realizadas representações pelos veículos hegemônicos; compartilhamento de memórias, reflexões sobre a história de Manguinhos a partir dos estudantes. Todos os estudantes tinham em algum momento relatos de exemplos de violência sofrida no território, a maioria era, ou tinha familiares, migrantes ou vindos de remoções, referências a personagens de Manguinhos, artistas, trabalhadores mobilizadores, entre outros, eram frequentes, e histórias divertidas e inusitadas sobre o local, como a do “porco com cara de gente”, sempre surgiam nessas aulas.

Dessa forma esses debates renderam um vasto material que deveria servir de base e inspiração para o trabalho de final de curso, que era a produção de curtas-metragens sobre Manguinhos. No entanto, a impossibilidade de filmar na região, devido a represálias por parte de lideranças do território, e que representava riscos para a segurança de quem portasse equipamentos de filmagem no local, inviabilizou a

⁵⁴ Disponível em: <http://www.territorioemtranse.com.br/>

realização desses trabalhos práticos. A avaliação final do curso teve assim uma dimensão mais teórica. Contudo, cabe ressaltar, que os debates realizados nesse processo de formação foram importantes posteriormente para a produção dos documentários do Ecomuseu, que contaram inclusive com a participação dos estudantes do curso. Uma das integrantes, Priscila Correia, veio até mesmo a fazer parte da equipe do Ecomuseu de Manguinhos.

Pode-se afirmar que o Ecomuseu de Manguinhos procura utilizar-se das memórias coletivas locais com fins de colaborar para a reflexão dos moradores sobre o seu próprio passado, evidenciando a possibilidade de criação de condições que permitam a autonomia dos sujeitos de forma a criar um contexto propício para o desenvolvimento de soluções conjuntas para problemas que afetam diretamente a vida dos moradores.

4.5 Retalhos de uma manta coletiva: como o Ecomuseu de Manguinhos representa o território?

Como afirma Leonardo Bueno, “das condições excepcionais de vida em territórios de exceção surgem também ações excepcionais e criativas de solidariedade protagonizadas por pessoas que vivem a favela” (BUENO, 2010, pg: 47). Pode-se afirmar que o documentário produzido pelo Ecomuseu de Manguinhos, a ser analisado aqui, é fruto dessa dinâmica e se propõe a ser esse tipo de ação.

Ao tentar conceituar o que é ecomuseu, recorreremos às musas. Essas figuras mitológicas estão diretamente relacionadas à etimologia de museu/ ecomuseu e nos remetem à beleza, ao encanto, à arte, ao prazer. Falar de musas é sempre algo prazeroso porque elas estão no campo da sedução, da envolvimento. Por isso algo que o Ecomuseu de Manguinhos também persegue é seduzir, como afirma Felipe Eugênio: “O objetivo é trabalhar política com magia, com humor, provocar valores de cidadania por meio de uma linguagem sedutora”⁵⁵.

Desse modo, bem como os demais objetos desenvolvidos pelo coletivo, como a rádio web, portal, exposição itinerante, o produto audiovisual têm um caráter estratégico, se configurando como ferramenta comunicativa que pode vir a promover

⁵⁵ Em entrevista para a matéria “Disputas simbólicas removem moinhos? Manguinhos e o Ecomuseu”, publicada na revista Vírus Planetário e disponível em: http://www.redeccap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=156:disputas-simbolicas-removem-moinhos-manguinhos-e-o-ecomuseu&catid=44:institucional&Itemid=1

uma reapropriação e subversão de signos já existentes, seduzindo pessoas através da arte, do cinema, da veiculação de ideias e valores que vão de encontro com o posicionamento político do Ecomuseu. Entende-se assim a produção audiovisual enquanto prática museal que se propõe a contar e recriar o mundo.

É por meio do cinema, publicidade e, principalmente, pela televisão que são difundidos de forma mais abrangente determinados signos, valores, visões de mundo. Apesar da ascensão da internet, a televisão é ainda uma das principais fontes de informação da população. Além disso, o dono de uma TV pode controlar também rádios, jornais e revistas. De acordo com Pedro Ekman, do Coletivo Intervezes, apenas 11 famílias controlam a maior parte da informação que circula no país, tendo o poder de decidir grande parte dos conteúdos informativos que os brasileiros devem receber⁵⁶, como mostra o caso emblemático da Rede Globo:

A Rede Globo é o centro de um império que abrange mais de quarenta empresas, atuando em diversos ramos da economia. Só a Rede Globo – que inclui sete emissoras totalmente de sua propriedade parcial e 36 emissoras afiliadas – tem uma receita anual estimada em US\$ 500 milhões e um valor patrimonial em US\$ 1 bilhão [...] Na área da comunicação de massa, além dos ramos de televisão, as Organizações Globo envolvem pelo menos 18 emissoras de rádio AM e FM, o segundo maior diário do país, duas editoras de revistas e livros, produtora de vídeo, distribuidores de fitas videocassete, três gravadoras, produtoras de serviços para publicidade, entre outras empresas. (HERZ *apud* Perissé, 2012, pg. 5)

(...) entre 1965 e 2000, o grupo passou de detentor de uma única concessão de televisão, no Rio de Janeiro, para 11 emissoras no Estado de São Paulo (28% das concessões), oito no Paraná (33%), sete em Minas (35%), quatro no Rio de Janeiro (29%), uma em Brasília e outro em Recife, o que a coloca na condição de quarta maior rede de TV do mundo – atrás apenas das três grandes norte-americanas (ABC, CBS e NBC). (BAYMA *apud* PERISSÉ, MELO *et al*, 2012, pg. 2)⁵⁷

Diante desse cenário de concentração dos meios, o Ecomuseu de Manguinhos se apropria da linguagem audiovisual, já tão presente no imaginário e cotidiano dos cidadãos, com fins de difundir narrativas que vão na contramão daquelas propagadas pelos conglomerados de comunicação. A esse processo Felipe Eugênio classifica como “hackeamento”.

Além de acessível a diversos públicos, o audiovisual possui um caráter, como foi enfatizado acima, sedutor, seja ao provocar inúmeros estímulos nos campos visual e

⁵⁶ Informação retirada do filme “Levante sua voz”. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=bxtD8_9L2xk.

⁵⁷ Disponível em: <http://www.coneco.uff.br/ocs/index.php/1/conecoic/paper/viewFile/340/150>

auditivo, seja pela curiosidade que a simples exposição de uma câmera pode causar. Nesse sentido, uma das estratégias do Ecomuseu de Manguinhos é o que Felipe Eugênio chama de “Flauta encantada da câmera na rua”.

A flauta encantada da câmera na rua nada mais é que o ato de instalar em local público uma câmera para daí ver desenrolar os encontros que esse objeto pode suscitar. Na ocasião dos preparativos para a Mostra Cultural de Manguinhos, em meados de junho de 2013, a estratégia mostrou-se eficaz. A câmera instalada em frente à Biblioteca Parque de Manguinhos pretendia registrar alguns artistas do território previamente contatados. Contudo, a atração despertada pelas filmagens mudou um pouco o rumo planejado. Em meio às gravações, transeuntes interrompiam seus trajetos para entenderem o que acontecia. Alguns perguntavam: “vai passar na Globo?”. Outros indicavam amigos para participarem da Mostra ou os próprios artistas que por ali passavam se apresentavam, concordando em terem suas histórias registradas. No fim do dia, o resultado foi o mapeamento espontâneo, para além do esperado, de inúmeros artistas de Manguinhos: dançarinos, compositores, músicos, palhaços, atores, entre outros.⁵⁸

Desse modo, vê-se que o audiovisual é ferramenta poderosa em sua capacidade de agregar pessoas, de pautar assuntos, de inventar narrativas de mundo. Quando o indivíduo pergunta “vai passar na Globo?” está colocado que a câmera está associada a televisão e, esta a uma grande empresa. A câmera e a possibilidade de ser filmado representam visibilidade, fama, sucesso, alcance à grande número de pessoas. Enfim, representa a possibilidade de ser visto e ouvido. Temos o símbolo, com seus significados já embutidos, a TV, a câmera, o vídeo. O tal “hackeamento” do qual fala Eugênio refere-se a apropriar-se desses sentidos já previamente dados, usando-os a favor daquilo que o Ecomuseu pretende comunicar.

Até o momento de finalização desse trabalho, o Ecomuseu de Manguinhos desenvolveu alguns produtos audiovisuais, que são: vídeos de divulgação da Mostra Cultural de Manguinhos e dois documentários: “Pés no mundo” e “Retalhos de uma manta coletiva”.

Os vídeos da Mostra têm em média 2 minutos de duração. O mais longo é o último deles, com cerca de 4 minutos, que faz um resumo de como foi o evento. Esses vídeos procuram mostrar Manguinhos enquanto um lugar marcado pela arte, cultura e

⁵⁸ Os vídeos com os registros de alguns desses artistas podem ser vistos no canal do youtube do Ecomuseu de Manguinhos: http://www.youtube.com/channel/UCR-sWpAPikU_HWLgfhcIVpA

criatividade. Por isso enfatizam os artistas do território. Com relação aos documentários, “Pés no mundo” é um média- metragem de cerca de 22 minutos, resultado do curso de artes realizado com estudantes do ensino médio do PEJA- Manguinhos que durante 4 meses tiveram aulas práticas de palhaçaria, como é explicado na sinopse do filme:

Uma produção do Ecomuseu de Manguinhos em parceria com o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA-Manguinhos). O documentário *Pés no mundo* traz a culminância de um processo que durou quatro meses: estudantes de um EJA situado no Complexo de favelas de Manguinhos, durante o curso de artes- do ensino médio-, optaram por substituir a dinâmica de estudo teórico da arte por aulas práticas. E essas aulas foram de palhaçaria. Sua professora foi uma artista argentina. A perspectiva libertária dessa professora e a cultura local apresentada pelos estudantes, durante as aulas, resultaram numa experiência de emergência das subjetividades, outrora reprimidas, e, também, num outro modo de investigar sobre o território, desta vez com a perspectiva do corpo ganhando vez. O resultado desse processo é este filme, construído ao longo das últimas aulas, onde os estudantes tiraram como objeto/ sujeito a ser investigado aquela artista nômade: a professora de palhaçaria.⁵⁹

“Retalhos de uma manta coletiva” foi o primeiro produto audiovisual desenvolvido pelo Ecomuseu. Trata-se de um média-metragem de 31 minutos finalizado em 2012⁶⁰. O documentário se propõe a investigar o termo solidariedade a partir da experiência de Manguinhos. Para tal, conta com diversos depoimentos, de moradores e acadêmicos, que, como sugere o título, vão se constituindo como retalhos de uma grande manta, sugestões de respostas para uma ampla questão.

Nesse sentido, o documentário tece, costura as falas dos entrevistados a fim de chegar não a um conceito final e fechado, mas, sim, com objetivo de provocar para que novas perguntas sejam feitas, colaborando para que a ideia de solidariedade seja repensada e questionada no contexto da sociedade contemporânea. Concomitantemente, a obra conta um pouco da história de Manguinhos e de seus moradores, revelando o olhar destes sobre as relações coletivas, expondo parte do cenário atual e histórico dessa favela carioca a partir de um aspecto pouco explorado.

Por razões de espaço e tempo a que estão limitados este trabalho, optou- se por, dentre os produtos audiovisuais apresentados, ter como foco da presente análise este último, “Retalhos de uma manta coletiva”. Outra razão é o fato de autora ter estado mais envolvida na produção e divulgação do documentário em questão. Por fim,

⁵⁹ O documentário “Pés no mundo” e sua sinopse estão disponíveis no seguinte link: <http://vimeo.com/80420719>

⁶⁰ O documentário em análise “Retalhos de uma manta coletiva” está disponível gratuitamente na internet e pode ser assistido através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

acredita-se que “Retalhos de uma manta coletiva” permite uma ampla análise do trabalho do Ecomuseu de Manguinhos e da forma como ele busca representar o território.

Segundo Felipe Eugênio, a ideia de fazer o documentário Retalhos de uma manta coletiva surge aproximadamente em 2011 a partir dos debates realizados no PEJA Manguinhos e também através de consultas feitas a população em que era discutido com os moradores ideias de roteiros para um filme sobre o local. De um grupo de cerca de 30 moradores reunidos em assembleias convocadas pelo Ecomuseu surgiram histórias pitorescas, engraçadas, tristes que passam pelos problemas do território, como as enchentes, paisagem do local marcada pelo lixo e presença de porcos nas ruas, mas também pelo histórico de lutas do local. Dessa forma, foi sendo construída uma ideia de roteiro que envolvia valores como solidariedade, coletividade e memórias de um lugar marcado pela resistência e mobilização, como conta Eugênio, que nesse relato abaixo destaca a questão do resgate histórico e da valorização do passado tratada no tópico anterior. Para ele, o resgate de memórias pode contribuir para uma ressignificação da favela:

Das nossas reuniões ficou claro que impera um sentimento de fastio sobre a realidade de ausência de direitos que se abateu sobre Manguinhos. Orgulho sobre a comunidade, hoje, é praticamente nulo. Mas quando cada qual recorre da memória, surgem sorrisos e frases lamentosas sobre um passado melhor, tempo ido. Essas lembranças são motor para resignificar, transvalorizar a favela. Existem e são os próprios moradores que agora pensam tomar as rédeas desse patrimônio humano. Cuidar de sua própria história sem fixar-se no passado, mas sim no preparo de um futuro ainda incerto. Eis o consenso ao qual chegamos. (EUGÊNIO, 2007) ⁶¹

Nesse sentido, “Retalhos de uma manta coletiva” surge do desejo de construir um discurso sobre Manguinhos diferente daquele já corrente. Uma narrativa que ao optar por expor determinado aspecto do território, um recorte de suas memórias e conhecimentos, possa colaborar para a ressignificação do local, dando visibilidade a seus personagens e histórias.

À época da elaboração do roteiro, em 2011, e, posteriormente, durante as gravações das cenas do documentário uma grande dificuldade enfrentada foi a impossibilidade de realizar gravações nas ruas da comunidade, como foi também lembrado no tópico anterior com relação ao curso de audiovisual realizado pelo

⁶¹ EUGÊNIO, Felipe dos Santos Silva. Relatório de atividades. Programa de Educação de Jovens e Adultos, Manguinhos, 2007.

Ecomuseu. Apesar de não haver uma proposta denunciante para o documentário, havia restrições para a filmagem no território. Caminhar por Manguinhos com câmeras representava um risco à segurança daquele que portasse o equipamento, sendo este passível de ser repreendido por parte de lideranças do território. Existia, assim como ainda existe, uma espécie de censura não declarada, um acordo tácito de que ali não se poderia realizar qualquer registro audiovisual, o que limitava as possibilidades de comunicação e a liberdade de expressão no território. Mais um reflexo da lógica de exceção imposta a favelas.

Segundo Eugênio, o contexto político de Manguinhos tornava o diálogo um processo difícil. Como na época ainda não havia sido instalada a UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) em Manguinhos, restavam duas possibilidades: ou se pedia permissão ao tráfico ou a seus intermediários. Por questões éticas, o Ecomuseu assumiu a postura de não travar diálogo com nenhuma das duas.

Como produzir documentários sobre Manguinhos, com personagens do lugar e participação dos moradores, sem filmar o cenário central que dá vida as histórias? Algumas alternativas encontradas foram:

- Gravar em locações fechadas como casas, salas de aula, bibliotecas;
- Filmar no entorno de Manguinhos, explorando outros espaços do Rio de Janeiro, até como forma de contrastar a favela com o restante da cidade, explicitando as desigualdades no meio urbano. Nesse sentido, algumas cenas tem como fundo lugares da zona sul do Rio de Janeiro, como, por exemplo, no depoimento de dona Geni, que é entrevistada na Lagoa, de onde ela avista ao longe a Praia do Pinto, local do qual foi removida para Manguinhos;
- “desobedecer” a regra de não filmar em Manguinhos e realizar registros de forma discreta usando câmeras menores, filmando de dentro do carro, da janela da Rede CCAP, de um ponto mais alto e distante da comunidade. Esse comportamento, apesar de realizado com cautela, representou risco para a equipe de filmagem. A cinegrafista Raquel Finco, ao tentar filmar Manguinhos nesses moldes foi alvejada por uma arma de fogo e quase atingida.

O documentário já foi exibido em diversos espaços em Manguinhos, como a Biblioteca Parque, Capela São Daniel, salas de aula, através do projeto “Circuito do conhecimento” em parceria com o Laboratório de Educação Territorizada e Cidadã,

em eventos como o “Transforma Manguinhos” e o “Memórias da resistência”, entre outros. Foi divulgado também na Fiocruz, em São Paulo, no evento “Arte em cena 3” e, informalmente, em bares de Buenos Aires. Está disponível ainda na internet através do *youtube*, contabilizando até o momento de conclusão desse trabalho, o total de 145 visualizações. Abaixo, a sinopse do documentário, além de apresentá-lo, pode também nos apontar algumas questões para análise de seu conteúdo:

Num giro pela cidade se pode observar como que, na favela de Manguinhos, contemporaneamente, se dão uma série de práticas que recolocam a solidariedade sob seu aspecto mais político. Uma investigação sobre o conceito de solidariedade nos dias de hoje, permite conhecer histórias que vão desde a Manguinhos constituída por mulheres e homens advindos da experiência de remoções, como se faz possível verificar que a previdência social, a literatura, o velho conhecido mutirão, podem preencher o buraco da experiência colaborativa em tempos do culto ao individualismo e à competição espetacularizada. Trata-se de um documentário no qual solidariedade e caridade não podem ser confundidas. É a favela apontando rumos para o que seja realmente transformador em nossa sociedade.⁶²

Para a análise em questão é interessante destacar da descrição acima os seguintes aspectos que serão tratados a seguir: o “giro” pela cidade, a solidariedade enquanto conceito político, Manguinhos como um local marcado pelas remoções, a solidariedade em oposição à caridade, a favela como sendo um lugar que aponta rumos para um debate político e intelectual.

Um estigma associado a territórios favelizados é a ideia e representação da favela enquanto lugar carente, no âmbito não apenas de questões materiais, mas também subjetivas, como a produção de cultura, educação, criatividade, conhecimento intelectual, o que dificulta a visibilidade e reconhecimento de artistas e intelectuais moradores de favelas. Como afirma Souza, o eixo de representação da favela é a noção da ausência:

Ela é sempre definida pelo que não teria: um lugar sem infra-estrutura urbana - sem água, luz, esgoto, coleta de lixo -, sem arruamento, sem ordem, sem lei, sem moral e globalmente miserável. Ou seja, o caos. Impressiona a visão homogeneizadora. Nem parece que as favelas podem ser localizadas em terrenos elevados ou planos, reunir centenas ou milhares de moradores, possuir equipamentos e mobiliários urbanos diferentes – casas ou apartamentos, algumas vezes os dois -, demonstrar variados níveis de violência e presença do poder público e, ainda, diversas características ambientais. É curioso que essa pluralidade seja absolutamente ignorada, e não só pelo senso comum. Como se tornou hegemônica no Rio de Janeiro e no país uma

⁶² Disponível na descrição do vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgiybg>

representação tão negativa das favelas e de seus moradores? (SOUZA, 2006, pág. 24).

Nesse sentido, é comum nas referências a territórios favelizados e mesmo nas formulações de políticas públicas a ideia de “comunidade carente” ou de necessidade de atendimento às “carências sociais”, noções que consideram que há sempre algo que precisa ser “dado” à favela, não levando em consideração o morador enquanto sujeito também criador. Segundo Bueno, é preciso problematizar as noções de necessidade e carência a fim de evitar que sejam impostas a territórios favelizados ordens completamente externas e violentas, bem como políticas não dialogadas com a população:

A dissociação não problematizada entre necessidade e carência reforça a representação restrita e ideológica da favela enquanto território de ausência- não somente de condições materiais para a garantia da vida humana, mas também ausência de imaginação, criação social e inovação. Pensadas estritamente pela ausência, as políticas públicas em favelas perdem de vista as contradições do processo social. Enquanto zonas de anomia (ausência de leis, de normas e de regras de organização), as favelas continuam representadas enquanto objeto a ser imposto uma ordem inteiramente externa, normalmente via combate e coerção. (BUENO, 2010, pg.48)

Segundo o cineasta João Moreira Salles, o discurso da violência e da ausência é de uma “monotonia acachapante”, pois como lembra Paiva e Nóra, “a tirania do tema único é, sobretudo, a tirania do personagem sem movimento, paralisado num enredo único e pobre” (PAIVA & NÓRA in PAIVA & SANTOS, 2008, pg. 14) Para Salles, essa tirania limita a favela e seus moradores e asfixia o processo de criação artístico, por isso é preciso enxergar e viabilizar na favela outras narrativas:

Do ponto de vista do cinema, urgente mesmo é ir à favela – se houver mesmo essa insistência de voltar à favela – para tratar de qualquer assunto que não seja o da violência. Por que essa obrigação? Por que imaginar que lá não existem outras histórias? Por que não contar uma história de amor? É preciso tomar cuidado com isso. (SALLES *apud* PAIVA & NÓRA pg.14)

Por que não contar uma história de solidariedade? Partindo de questões como essa, “Retalhos de uma manta coletiva” se insere numa lógica de disputa no campo das representações, acreditando que é necessário ressignificar lugares como Manguinhos, afirmando que o local oferece riqueza de imaginação, criatividade e conhecimento. Como é declarado na apresentação do Ecomuseu no facebook, “na tecnologia do Ecomuseu se busca o amálgama dos produtores de arte e cultura do território – e também de fora do território – para instaurar (disputar) novos signos a partir da

participação social e da formação de redes de intercâmbio cultural-artístico”⁶³. Essa disputa passa pelo campo simbólico, daí a escolha de ferramentas de comunicação, como o audiovisual.

Para o Ecomuseu de Manguinhos é preciso colocar em pauta outros valores que caracterizem o território e que, em geral, não têm espaço nos meios de comunicação hegemônicos, valores como solidariedade, arte, cultura. Além disso, há também o desejo de criar novas referências para a população local, fortalecendo, por exemplo, o fato de a sua maioria ser formada por trabalhadores, migrantes nordestinos, pessoas vindas de remoções de outras favelas e também de indivíduos criativos, pensantes que produzem arte e ideias, passando assim, a apresentar Manguinhos sob um outro viés pouco conhecido. Isso significa “positivar” Manguinhos, fazendo nele reconhecíveis outros símbolos que não àqueles da barbárie, como defende Monique Cruz, moradora de Manguinhos e parte da equipe do Ecomuseu:

Esse lugar sempre foi caracterizado pelas piores coisas. Queremos mostrar o outro lado. Manguinhos é um lugar de trabalhadores, pessoas que vieram de remoções, pessoas que construíram a Avenida Brasil e a Fiocruz. O que chamam de invasão, nós chamamos de ocupação. Muitas comunidades começam por remoções de outras áreas da cidade e o Estado tem um papel decisivo nesse processo. (CRUZ, 2011)⁶⁴

Nesse sentido, pode-se ver em “Retalhos de uma manta coletiva” muitas referências às remoções, com figuras como dona Geni, que foi removida da Praia do Pinto, os avós de Danielle Cerri, removidos do Caju, dona Graça Cerri. Não se pode ignorar que Manguinhos é um local marcado pelas remoções e desse modo, pela resistência. Do ponto de vista dos moradores, as remoções são ações realizadas muitas vezes de forma autoritária e marcadas pela ausência de diálogo com a população, como expressa em seu depoimento Darcília Alves, moradora do CHP2, uma das 14 comunidades de Manguinhos, que viveu o processo de desocupação na região durante a ditadura militar, na década de 70:

As pessoas eram levadas na marra, ninguém queria ir porque era muito longe. Elas eram levadas para Senador Camará, Realengo e Padre Miguel. Era uma coisa terrível, as pessoas choravam, desmaiavam, esperneavam, mas tinham que ir (ALVES, 2012)⁶⁵

⁶³ Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseu.demanguinhos/info?collection_token=100004645123905%3A2327158227%3A8

⁶⁴ Entrevista concedida à autora.

⁶⁵ Em entrevista para o projeto Manguinhos: Território em transe

Muitas vezes o morador de favela é representado como invasor, aquele que mora onde não pode morar, não sendo problematizado o fato de que é o próprio Estado quem muitas vezes cria essa situação. As remoções são legitimadas por um discurso desenvolvimentista. Remove-se para construir estradas, estádios, estacionamentos, pela especulação imobiliária. Pouco se discute sobre o futuro dos moradores e as consequências de uma intervenção tão drástica em suas vidas. Esse tipo de visão estigmatiza o morador de favela, criminalizando-o, tornando-o invisível. A cobertura midiática de massa muitas vezes pactua com esse discurso e colabora para uma visão pouco crítica sobre o tema das remoções, retratando os moradores removidos como seres ameaçadores e invasores, como é possível ver no caso abaixo descrito no artigo “Comunidade e humanismo prático: A representação da periferia no Rio de Janeiro”:

O Globo promoveu uma verdadeira campanha a favor da remoção das favelas, mobilizando não só repórteres, como também colunistas, comentaristas e especialistas para defenderem a completa remoção das mesmas. É claro que o jornal, seguindo os cânones da objetividade, da imparcialidade e da neutralidade, procurou, ainda que em menor número, opiniões divergentes, construindo, assim, um precário debate acerca do futuro das favelas- debate que pouca voz deu aos moradores das áreas em questão, cujas posições foram abafadas pela enxurrada de editoriais pró-remoção e pelas muitas cartas de leitores parabenizando o veículo pelas matérias e artigos publicados, incentivando a erradicação das favelas. (PAIVA & NÓRA in PAIVA & SANTOS, 2008, pg. 21)

Assim como nos anos 70, é construída ideológica e simbolicamente a população marginalizada que se pretende exterminar, como afirma Perlman:

Em 'O mito da marginalidade' foi mostrado ainda como o poder da ideologia da marginalidade era tão forte no Brasil nos anos 1970 que gerou uma profecia autorealizável: a política de remoção de favelas justificada pela ideologia, perversamente criando a população marginalizada que pretendia exterminar. (PERLMAN, 2012: 221)

Desse modo, mostrar criticamente o morador de favela enquanto fruto de uma política de remoções do Estado é fundamental para desmistificar essa noção tão propagada pela grande mídia do ‘favelado’ como figura ameaçadora. O que temos em Retalhos, por exemplo, não são invasores, vândalos ou descumpridores da lei, mas, sim, cidadãos removidos sem nenhuma garantia de direito pelo Estado. O que há, em sua maioria, são trabalhadores que têm suas vidas constantemente ameaçadas. Cada vez mais é preciso humanizar as representações, humanizar nossos personagens reais.

Assim, pode-se observar que o Ecomuseu procura, além de criticar essa lógica opressora de representação, garantir ao sujeito um lugar de protagonismo, ressaltando Manguinhos enquanto um lugar de trabalhadores, de pessoas críticas, mobilizadas e questionadoras. Protagonistas e sujeitos-criadores, no caso do filme, da construção e prática de um conceito: a solidariedade. Como é dito na descrição do documentário “é a favela apontando rumos para o que seja realmente transformador em nossa sociedade”.

Algo discutido em algumas reuniões do Ecomuseu é a noção de intelectual e do lugar do morador de Manguinhos enquanto produtor de conhecimento. Para o portal do Ecomuseu, por exemplo, um dos tópicos que se pretende de destaque é o “intelectuais de Manguinhos”, que tem como objetivo dar visibilidade a personagens nublados ou simplesmente esquecidos ao longo da história. Chama atenção o fato de que quando se pensa na figura do intelectual, ela em nada se parece com o morador de favela. Quantos escritores, poetas, compositores favelados conhecemos? Onde estão os autores e autoras negras? Sem dúvida eles existem, mas como sabemos a construção da história oficial não é neutra ou imparcial, como se tenta fazer parecer, e imortaliza seus intelectuais a partir de interesses específicos.

O intelectual que habita nosso imaginário é geralmente um sujeito da elite, ligado à academia, considerado muitas vezes como alguém superior ao homem comum, uma espécie de ser dotado de uma genialidade especial e superior aos demais mortais. No entanto, há uma perspectiva sugerida por Marx e Engels que relaciona a figura do intelectual à atuação social, capaz não somente de produzir conhecimento, mas também de aplicá-lo de forma prática:

Intelectuais não são apenas os que escrevem-são sobretudo os que definem o que os escrevinhadores devem escrever. Já no livro *A ideologia alemã*, escrito por Marx e Engels em meados do século XIX, intelectuais não são os que se reservam o mundo do pensamento, mas os que atuam socialmente sob duas formas: na concentração da produção do conhecimento e na apropriação daquele conhecimento socialmente produzido, existente de forma prática. (FONTES, 2008, pg. 148)

Na investigação do conceito de solidariedade realizada em “Retalhos de uma manta coletiva” pode-se afirmar que há por parte do Ecomuseu a intenção de apresentar os moradores de Manguinhos como intelectuais, o que de fato são, entendendo que essa categoria não deve estar restrita à academia e à elite, considerando a perspectiva apontada acima. Pensar o morador de uma favela como intelectual, criador-pensador de um conceito e que fala por si, com sua linguagem e dinâmica próprias, implica

reconhecer que esse indivíduo não pode ser reduzido a mero objeto de estudo, fonte ou figura folclórica. É preciso transcender essa lógica academicista e oportunista e pensar que na favela existe um conhecimento próprio sendo produzido e este não deve ser de modo algum subestimado. A construção da noção de solidariedade apresentada pelos moradores de Manguinhos, por exemplo, é extremamente complexa. Como aponta Costa, o “binarismo perverso”, que hierarquiza os saberes e opõe a “inteligência” acadêmica à “sabedoria popular” sugerindo que um é maior e melhor do que outro, deve ser evitado:

(...) na divisão global do trabalho o trânsito teórico entre centros metropolitanos e periferias permanece preso a uma lógica desigual ou uma lógica intratável: enquanto o centro acadêmico teoriza, espera-se da periferia o fornecimento de estudos de caso. Em outras palavras, a periferia é reduzida ao lado prático da teoria (COSTA, 2000, p.44)

Nesse sentido, essa perspectiva é importante para o Ecomuseu de Manguinhos, não apenas no que se apresenta como produto final, o filme, mas também como orientação para o desenvolvimento do trabalho. Considera-se essa discussão de extrema importância num coletivo que constrói um conhecimento que é híbrido ao integrar pesquisadores moradores e não-moradores de Manguinhos, oriundos de universidades ou da Fiocruz, e moradores e pensadores que não estão inseridos na lógica acadêmica da produção de saberes. Acreditamos que a favela não deve ser aquela que apenas fornece estudos de caso para que os teóricos acadêmicos construam seus discursos. Os moradores já constroem seu próprio discurso e este deve ser valorizado.

Recentemente, um caso ganhou destaque na mídia. Um professor de filosofia de Brasília formulou uma questão de prova que trazia a música “Beijinho no ombro” da cantora de funk Valeska Popozuda e a classificou como “grande pensadora contemporânea”. Houve muita polêmica em torno da questão, os comentários nas redes sociais expressavam incômodo pela classificação de uma mulher funkeira, vinda da periferia e que, tem como público alvo classes economicamente mais baixas, como grande pensadora. Para muitos, parecia soar quase como uma profanação do termo. Sobre isso, o professor Antônio Kubitschek argumentou que “de acordo com os filósofos contemporâneos franceses, todo aquele que consegue construir conceitos é um filósofo, é um pensador. Se a Valeska constrói conceitos com a sua música, não tem porque ela não ser uma pensadora”⁶⁶. Em texto publicado nas redes sociais, a cantora afirmou que se fosse um trecho de música de MPB, ou outro gênero musical que não

⁶⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1437508-em-prova-professor-faz-provocacao-e-chama-valesca-popozuda-de-grande-pensadora.shtml> Acessado em 20 de abril de 2014

fosse o funk, talvez não tivesse se criado tamanha polêmica⁶⁷. Vê-se a partir desse caso como a associação daqueles oriundos de classes menos favorecidas à noção de intelectualidade causa um certo curto-circuito, uma desestabilização da concepção, até então sacralizada e elitizada, de pensador.

Nesse sentido, em “Retalhos” procura-se desenhar a noção do que é solidário a partir de diversas vozes. Menções a solidariedade são muito frequentes no discurso dos moradores de Manguinhos. Num cenário marcado, como foi dito, pelas remoções, enchentes, abandono do Estado, violência, entre tantos outros problemas, ser solidário e contar com a solidariedade alheia é quase que uma ferramenta de sobrevivência. De acordo com Harvey, “o mergulho no turbilhão da efemeridade provocou uma explosão de sentimentos e tendências opostos. O retorno do interesse por instituições básicas, como a família e a comunidade e a busca de raízes históricas são indícios da procura de hábitos mais seguros e valores mais duradouros num mundo cambiante (HARVEY, 2011: 263). Para a historiadora e antropóloga, Adriana Facina, essa não é uma característica exclusiva de Manguinhos, mas das classes populares em geral:

Quando se fala que as classes populares são mais solidárias, têm formas mais coletivizadas de vida, às vezes pode parecer um pouco uma idealização romântica. Mas não é. Porque, de fato, as pessoas que vivem em condições econômicas precárias precisam umas das outras pra sobreviver. E com isso se constrói realmente um senso de coletividade que emerge de forma muito intensa em situações limite. (FACINA, 2012) ⁶⁸

Neyson Candeias, morador de Manguinhos e produtor do filme “Retalhos” acredita que a solidariedade é contra-hegemônica e tem um potencial transformador:

Fico muito feliz por ter ajudado na realização deste documentário, que fala de um tema que acho ser de extrema importância nos dias de hoje, a solidariedade, pois em tempos de tanta opressão, onde o capitalismo fragmenta e joga todos contra todos, a união do povo na prática solidária é capaz de realizar a transformação (CANDEIAS, 2014) ⁶⁹

Desse modo, são apresentados em Retalhos alguns exemplos de solidariedade. Denise Reis se considera um fruto dessa cultura. No filme, ela fala da mãe, dona Geni, que também participa do documentário. Aos 18 anos, dona Geni contava com a ajuda dos vizinhos que cuidavam da sua filha enquanto ela trabalhava. Atualmente, Denise

⁶⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=747487895296527&set=a.296748000370521.76967.293341817377806&type=1&theater> Acessado em 20 de abril de 2014

⁶⁸ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=6iprG2_rfJ8

⁶⁹ Disponível na página pessoal de facebook de Neyson: <https://www.facebook.com/neyson.candeias>. O depoimento foi publicado em 22 de fevereiro de 2014.

trabalha com um projeto que também envolve a solidariedade: a Biblioteca Casa Viva⁷⁰ que tem como objetivo promover a leitura entre crianças moradoras de Manguinhos.

Outra questão muito recorrente no filme são as enchentes. Nas palavras da moradora Cátia Nascimento, “em época de enchente um ajuda o outro”.

Eu lembro que tinha muita gente que morava do lado de lá da estrada de Manguinhos que ficava na rua à noite e a gente abria a casa e aí todo mundo vinha pra nossa casa, a gente dava café e virava a noite ali conversando e acabava virando até uma diversão. A gente acabava se divertindo e compartilhando com as pessoas.⁷¹

A diversão a partir do trabalho conjunto da qual fala Cátia, por mais contraditório que possa parecer quando falamos de contextos de desastres e problemas sociais, reflete o caráter agregador da solidariedade, capaz de criar laços e vínculos, de promover a alteridade, de, a partir, do compartilhamento e sentimento de coletividade atenuar situações de extrema dificuldade, fortalecendo aqueles se veem nessa lógica de vida em rede.

No mutirão realizado pelo PEJA Manguinhos também se vê essa “diversão”, fruto da solidariedade, citada por Cátia. Enquanto pintam paredes, sobem e descem escadas, os participantes do mutirão, professores e alunos, comem churrasco, conversam, riem. Fruto de uma proposta antiga de formação de um grêmio e que tem como objetivo preparar o local onde será realizada a iniciativa, o mutirão faz uma ponte entre passado e presente em Manguinhos, mostrando que a solidariedade não é algo que está apenas nas falas saudosas dos moradores, mas experiência que se vive ainda atualmente. Segundo Neyson, morador de Manguinhos e integrante da equipe do Ecomuseu, a iniciativa, aparentemente simples, ilustra a ideia de solidariedade porque é um momento em que todos trabalham juntos em prol de um objetivo comum:

A prática do mutirão mobiliza muito as pessoas. Possibilita uma interação, uma solidariedade em torno de um propósito. O mutirão coloca bem isso em prática. Não tem essa coisa de que um é melhor que o outro. Todo mundo mete a mão na massa. Todo mundo é igual, ramos juntos.⁷²

⁷⁰ A Biblioteca Casa Viva faz parte do Espaço Casa Viva, empreendimento social da Rede CCAP, que tem a ONG italiana Cooperazione Sviluppo (Cesvi) como seu principal financiador, apoio da Fundação Oswaldo Cruz e parceria com a UFRJ.

⁷¹ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

⁷² Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

Graça Cerri, artesã e ex-moradora de Manguinhos, conta em tom de aventura uma curiosa história ocorrida também no contexto das enchentes. Entre os anos 1957-1958, uma anti-véspera de Natal, num ato de desespero e coragem, um homem conhecido como “seu Pará” se lançou numa correnteza de quase 3 metros de altura para “salvar” uma leitoa. No dia seguinte, a leitoa transformada em ceia de natal e compartilhada por moradores da comunidade foi símbolo de comunhão e celebração, segundo Cerri, pois naquele momento faltava inclusive comida e havia um grande clima de desesperança. “No dia seguinte, aquela leitoa fez a festa”, disse a artesã. Com essa e outras histórias, dona Graça inspirou o nome do documentário ao descrever o processo solidário em Manguinhos como uma grande colcha de retalhos:

Essa época de Manguinhos me lembra como se fosse uma grande colcha de retalhos, onde cada um tecia, costurava seu pedaço, dando alguma contribuição de ajuda a comunidade. Eram pessoas que se preocupavam em ajudar o outro e nisso, é como se cada um prendesse um pedacinho de tecido. Cada um fazendo sua parte, contribuindo com seu pedacinho nessa grande colcha. Isso era solidário.⁷³

A professora Daniele Cerri traz como exemplo de solidariedade atual o PEJA-Manguinhos. O programa de Educação de Jovens e Adultos nasceu da parceria entre a Oscip Rede CCAP e a Fundação Oswaldo Cruz, no intuito de desenvolver um programa de educação cidadã em Manguinhos. Assim, o PEJA tem como meta incentivar a construção de redes de mobilização política, dentro da comunidade, a fim de combater a iniquidades sociais através de uma pedagogia crítica⁷⁴. Assim como dona Geni, os avós de Daniele foram removidos e tiveram uma participação política muito importante no histórico de luta, mobilização e reivindicação por direitos em Manguinhos. Segundo ela, ao chegarem, seus avós encontraram uma situação bastante insalubre, ausência de água, de luz e “de qualquer circunstância que pudesse fazer com que as pessoas vivessem de forma digna”⁷⁵, como afirma Cerri. Inspirada por eles ela pensa a solidariedade no território:

Normalmente, nas escolas as pessoas vão lá, estudam e saem. Aqui (PEJA), eles vêm, estudam e querem fazer alguma coisa a mais dentro da própria escola. Então, isso dentro da proposta da solidariedade se encaixa perfeitamente bem.⁷⁶

⁷³ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgiybg>

⁷⁴ Disponível em: http://www.redeccap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=118&Itemid=63

⁷⁵ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgiybg>

Solidariedade, sobretudo, é você mais do que ajudar o outro, estar junto com o outro, provocando o outro, numa de juntos vamos ajudar mais alguém. Acho que solidariedade é um pouco mais do que só ajudar alguém. É você provocar alguém a ajudar um outro alguém. E acho que isso o PEJA faz bem.⁷⁷

A fala de Daniele vai ao encontro do conceito de solidariedade que o filme procura demarcar ao longo da trama, atentando para o cuidado de não confundir solidariedade com caridade, como esclarece o historiador Daniel Soares:

A solidariedade dentro de uma característica política emancipatória remonta ao iluminismo, uma solidariedade transformadora, que pode transformar a estrutura social. A solidariedade, o solidarismo que vem da tradição da igreja, principalmente da igreja católica, se caracteriza mais como caridade. São aqueles que podem ajudando os que não podem. Então, se permite aos mais desfavorecidos da sociedade continuar sobrevivendo num padrão mínimo, mas não contribui para alterar aquela realidade. Enquanto que a solidariedade trabalhada num contexto mais político é uma solidariedade que visa transformar a estrutura da sociedade efetivamente.⁷⁸

Quando Daniele enfatiza o “estar junto com o outro” e não o apenas “ajudar o outro” está em questão justamente essa solidariedade proposta pelo Ecomuseu, através da experiência de Manguinhos, que compreende o outro enquanto protagonista preñado de coisas a serem trocadas numa perspectiva, como foi dito acima, emancipatória e não meramente assistencialista. Terminar os estudos e continuar colaborando com a escola é construir um processo que estar para além de interesses meramente individuais, que está para além de si mesmo. É a compreensão de que o ato de solidariedade não pode se encerrar no gesto ou em atitudes pontuais, mas deve ser um processo, uma construção realmente transformadora que foca não apenas no indivíduo, mas no contexto social em volta dele que precisa ser mudado.

É uma perspectiva que entende que num processo solidário é preciso estar ao lado de alguém e não numa postura de superioridade. É a ideia de construir junto e não somente “dar” àquele considerado desprovido, vitimizandolo. Caso contrário, a solidariedade, ou solidarismo como definiu Daniel Soares, apresenta o risco de servir mais para aquele que ajuda do que para quem é ajudado, na medida em que atos de

⁷⁶ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

⁷⁷ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

⁷⁸ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

caridade são muitas vezes ostentados como forma ressaltar o caráter “bondoso” do caridoso, conferindo a este um status a ser reconhecido publicamente e não necessariamente um ato transformador, de fato. Como sintetiza Neyson, “solidariedade não é caridade. É todo mundo igual, todo mundo junto”⁷⁹.

Nesse sentido, André Bueno, professor de literatura brasileira da UFRJ, questiona o paternalismo e pensa a solidariedade no contexto de uma crítica ao capitalismo. Para ele, a lógica capitalista cria o que ele chama de “dessoridarização”: “O capitalismo acumula riquezas, mas é incapaz de distribuí-las. Ele estimula o homem a ser o lobo do homem. Estimula a competição, a fragmentação, a disputa, uma espécie de selva nas cidades, como na peça de Brecht, onde todos estão contra todos” (BUENO, 2012)⁸⁰. Essa análise dialoga com a que é realizada por Denise: “O mundo tá muito mais individualista. E pra você praticar a solidariedade você tem que praticar o coletivo”⁸¹. Nesse momento, o filme começa a pensar a solidariedade de modo mais propositivo ao provocar para o que seria preciso para criá-la, como se vê no depoimento de Bueno:

A diferença fundamental para criar solidariedade é primeiro não entender a cultura como privilégio, nem a literatura e a arte como privilégio. Que é como tem sido, as escolas são elitizadas, as bibliotecas são poucas, as livrarias são caras, os salários são baixos. Então, a cultura passa a ser vista como um privilégio, a rigor, e, sem muita dúvida, um privilégio de classe⁸²

Tradada a questão central do filme, a solidariedade, outros aspectos menos objetivos do documentário também merecem atenção. O “giro pela cidade” falado na sinopse é ilustrado por uma das cenas iniciais do filme, quando a câmera passeia pelo Rio de Janeiro ao som de Mar Grande, de Paulinho da Viola, causando no espectador uma sensação de estar na janela de um carro observando a cidade em movimento. Um misto de relaxamento e tensão, o primeiro devido ao caráter um tanto contemplativo da cena com trilha envolvente e até despreziosa que diz “prefiro ir à deriva, me deixe que eu siga em qualquer direção...⁸³”, a segunda sensação, a tensão, se dá por conta do contraste que vai se evidenciando ao longo do caminhar da câmera que parte da zona

⁷⁹ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

⁸⁰ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

⁸¹ Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

⁸² Fala retirada do filme Retalhos de uma manta coletiva, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=t2Xxppgjybg>

⁸³ A letra completa da música Mar grande pode ser vista aqui: <http://letras.mus.br/paulinho-da-viola/278711/>

sul, passando por seus edifícios, ruas arborizadas, mar, aterro do Flamengo, e vai se aproximando da zona norte, passando pela Mangueira e chegando em Manguinhos de onde se vê lixo nas ruas, casas empilhadas, muros pixados, até repousar na janela da Rede CCAP, cenário para muitas das cenas do filme visto que é o lugar que abriga o Ecomuseu de Manguinhos e também o PEJA, bastante discutido na obra.

Desse modo, *Retalhos* tem um caráter itinerante pela cidade, explicitando algumas contradições do meio urbano como a diferença de infra-estrutura e cuidado com o ambiente e sua população, a depender da classe social que o habita. Da Lagoa, e olhando em direção a Praia do Pinto de onde foi removida, Geni comenta com indignação: “olha a diferença disso aqui pra Manguinhos”. E a diferença é mesmo visível de forma bem objetiva como mostra a cena do giro pela cidade.

“*Retalhos de uma manta coletiva*” apresenta também cenas leves, simbólicas, abertas a diversas interpretações ou apenas a simples apreciação. A demora na observação dos pássaros sobre a água, o comentário de dona Geni perguntando pelo pato, “cê viu o pato passar aqui?” é uma interrupção na investigação séria do conceito de solidariedade, sugerindo, talvez, que debater política não precisa ser tão duro ou rígido como propaga o senso comum, que a dispersão seja, quem sabe, necessária. Interpretação possível também para a cena em que crianças numa piscina de plástico apresentam rindo e gritando os dados mais brutos sobre Manguinhos: latitude, localidade, número de habitantes. Há ainda o close no nó sobre a água que pode ser interpretado como união, entrelaçamento de forças e subjetividades, algo muito oportuno num filme sobre solidariedade. Para além, de seus propósitos políticos, abertamente declarados, *Retalhos de uma manta coletiva* é um filme para ser “curtido”, apreciado em suas sutilezas, na riqueza das falas, no recorte da cidade, da favela e de seus moradores.

Pode-se afirmar que “*Retalhos de uma manta coletiva*” busca representar Manguinhos a partir da ênfase na história do território, no protagonismo de seus moradores e do debate da relação entre Manguinhos e a cidade do Rio de Janeiro, com fins de pensar as contradições desse processo e de debater a favela de forma crítica. O filme tem assim como objetivo contribuir para a desconstrução de estigmas associados a favelas, nesse caso Manguinhos, tais como ausência de inteligência e criatividade e violência, que resultam na criminalização do morador de favela e legitimação da lógica do extermínio e violência policial imposta a territórios favelizados.

5. CONCLUSÃO

Com base na discussão teórica e na análise do estudo de caso foi possível perceber que o Ecomuseu de Manguinhos se insere na disputa por representações contra-hegemônicas nos campos simbólico e ideológico em que se encontram os meios de comunicação, contribuindo para a problematização das narrativas construídas sobre favelas. O Ecomuseu de Manguinhos foi concebido e opera de acordo com o conceito teórico de ecomuseu e a pesquisa realizada para esse trabalho permite afirmar que ele contribui efetivamente para a transformação social e a mobilização política no contexto em que atua.

O tema favela é bastante denso e envolve diversas questões que não devem ser reduzidas a visões maniqueístas, como a que está presente nos estereótipos que estigmatizam e criminalizam os territórios favelizados. Como foi discutido a respeito da definição de favela como território de exceção, esta é tratada de modo desigual em relação aos demais espaços da cidade e isso implica, dentre outras coisas, na baixa oferta de aparelhos culturais e no não reconhecimento dos produtores de arte e cultura do território. Este reconhecimento é muitas vezes invisibilizado por representações que reduzem a favela à imagem de violência e criminalidade. Estas representações, como apontado no trabalho, se estendem aos moradores desses espaços, que passam a ser automaticamente associados à figura do criminoso.

Nesse contexto, equipamentos culturais como o Ecomuseu - aqui entendido também como instrumento de comunicação – são de extrema importância para a construção de uma sociedade mais aberta e democrática. A partir da obra de Brulon (2006) e Scheiner (2008), foi apontado como o museu, metaforicamente associado à figura das musas, tem o potencial de seduzir, criar narrativas, mobilizar pessoas, conservar e propagar memórias. Nesse sentido, a proposta do ecomuseu, apresentada e discutida no início desse trabalho, busca contribuir para a democratização dessas instituições, promovendo a sua apropriação pelos cidadãos. Com isso se busca desconstruir a ideia de um museu voltado apenas para a “alta cultura” e, logo, para as elites. Além do ecomuseu, outras formas de organização, mais voltadas para a participação do público e protagonismo do mesmo e menos para a lógica passiva de exposição e visitação museal, também visam a esse processo de democratização.

A análise do material da pesquisa sugere que, no caso de Manguinhos, o ecomuseu pode ser de fato uma ferramenta estratégica para a construção de diferentes narrativas sobre o território protagonizadas pela população, que contribuam para a mobilização política local, o fortalecimento de vínculos e do senso de pertencimento entre os moradores e o fomento do pensamento crítico.

Contudo, é possível destacar algumas dificuldades percebidas nesse processo. Em primeiro lugar, o conceito de ecomuseu é ainda pouco conhecido, o que pode causar algumas dificuldades na compreensão e apropriação da ideia pela população e pela sociedade em geral. Por outro lado, existem problemas de ordem burocrática. Como no caso da dificuldade de regularizar o projeto de um “museu sem muros”, diante da exigência de uma sede, muitas vezes cobrada por parte de órgãos financiadores, mesmo que este aspecto não esteja previsto na concepção teórica de ecomuseu. Evidencia-se, aí, uma das contradições entre a teoria e a prática ecomuseal.

Outro problema a ser enfrentado é a dificuldade de garantir a sustentabilidade econômica, que é comum a muitos projetos da área da cultura, principalmente no caso daqueles que se viabilizam a partir do apoio de editais. No caso do Ecomuseu de Manguinhos foi visto que a falta de autonomia econômica, a dificuldade na captação de recursos e os imprevistos, inclusive de ordem burocrática, como a demora para liberação de dinheiro, são grandes empecilhos ao desenvolvimento de ações ecomuseais, que implicam também na instabilidade financeira dos integrantes da equipe. Assim, do ponto de vista econômico, o futuro do Ecomuseu de Manguinhos é incerto. Até a conclusão desse trabalho, por exemplo, as atividades do coletivo estavam paradas por razões de ordem econômica dado que os recursos previstos para o ano de 2014 não haviam sido liberados conforme esperado. Percebe-se que situações assim acabam provocando uma certa desmotivação nas pessoas envolvidas com o projeto.

Outro desafio é a capacidade de mobilizar pessoas para fazer valer, na prática, o ideal de protagonismo local. Como avalia Neyson (2014), em contextos como o de Manguinhos, marcado pela presença de muitos trabalhadores, muitas vezes a ausência de tempo de pessoas, consumidas por jornadas de trabalhos desgastantes faz com que não se sintam motivadas a participar de projetos culturais com viés político. Como garantir o protagonismo local num lugar tão diverso como Manguinhos? Como se fazer interessante e atraente para mobilizar atores tão diferentes? Como ser transparente o suficiente?

Por fim, é importante abordar a questão da representação. Se somos críticos com as narrativas hegemônicas, devemos sê-lo também com as nossas. Como reforçar aspectos positivos do território sem romantizá-lo? Qual o limite entre uma coisa e outra (romantismo X valorização crítica do território)? Como debater os problemas do território de forma propositiva e atraente, a fim de não apenas criticar e falar do mesmo para os mesmos, mas propor soluções e intervir de fato no contexto dado? São questões que devem ser discutidas. No caso do Ecomuseu, acredita-se que ressaltar aspectos positivos e as boas histórias do território não implica necessariamente num processo de romantização. Ainda que, assim como qualquer meio de comunicação, o Ecomuseu possa construir representações passíveis de críticas, pode-se afirmar que a romantização e visão utópica da favela são questões evitadas e questionadas constantemente pelos seus integrantes.

Na perspectiva do Ecomuseu, a postura de valorização da arte, da história do local e dos moradores, consiste na produção, legitimação e disseminação de aspectos e significados da favela que vão na contramão daqueles propagados pelos grandes meios de comunicação e absorvidos pelo senso comum. Isso significa colocar em pauta e dar visibilidade a outras narrativas que têm como protagonistas aqueles que vivem a realidade do local -os moradores - e geralmente têm pouco ou nenhum espaço de fala, num contexto urbano que, como sabemos, é marcado pela concentração dos meios de comunicação. Estas são narrativas que podem contribuir para o sentimento de pertencimento, para o engajamento político, para a cooperação entre os habitantes. Não se pretende com isso falar apenas de aspectos positivos e ignorar os que sejam negativos. Pelo contrário. O objetivo é justamente fazer com que as questões que tocam o território, sejam elas boas ou más, sejam debatidas criticamente e não de forma maniqueísta, que isola o bem e o mal em seus extremos e estereótipos.

Dessa forma, quando o Ecomuseu resalta o valor da solidariedade em Manguinhos, por exemplo, a intenção, segundo seus organizadores, não é mostrar um lugar em que as pessoas são felizes e alheias a todo o entorno que as envolve. Nesse sentido, não se trata de reforçar a máxima do “pobre feliz”, da “periferia ingênua”, da favela como produto exótico e turístico. Na visão desses ativistas, ao falar de solidariedade, não a entendem como uma característica das favelas e sim como um valor ideal que se opõe frontalmente aos valores capitalistas e que, por isso, são motivação para a luta e transformação da sociedade. No documentário “Retalhos de uma manta

coletiva”, analisado no capítulo 4, fala-se de solidariedade como forma de resistência a um sistema extremamente opressor, ressaltando-se inclusive a diferença entre a solidariedade e o solidarismo, a primeira, transformadora, o segundo, assistencialista.

Esse trabalho é apenas uma das reflexões possíveis acerca de uma experiência específica de ecomuseu no contexto de uma favela carioca. Por se tratar de um breve trabalho de conclusão de curso de graduação, tem várias lacunas de material de pesquisa e limitações de análise teórica devidas em grande parte ao seu tempo de realização. Nesse sentido, a pesquisa não se encerra aqui, mas sim sugere outras questões que possam vir a ser objeto de reflexão em estudos posteriores, tais como uma análise do Ecomuseu a partir do olhar de seu público.

Talvez por ser uma pesquisa com metodologia baseada na observação participante, o foco da análise foi primordialmente o olhar de quem está no interior do projeto, dele participando direta ou indiretamente. As entrevistas, inclusive, foram mais voltadas para essas pessoas. Uma análise com enfoque no olhar daqueles que assistiram aos documentários e visitaram a exposição, por exemplo, seria interessante e poderia contribuir até mesmo para a melhoria do trabalho realizado no Ecomuseu.

Nesse sentido, vários outros aspectos poderiam ser estudados de forma mais aprofundada: as possibilidades de sustentabilidade do Ecomuseu, as estratégias de mobilização do protagonismo local; o lugar da memória como forma de resistência cultural; as contradições na relação entre teoria e prática do ecomuseu; além da análise mais detalhada de outras ações do Ecomuseu de Manguinhos, como o documentário “Pés no mundo”, a rádio web Manguinhos Livre, a Mostra Cultural, com destaque para os vídeos de divulgação e o Manguinhos Território em Transe. Ficam aqui, como sugestões para desenvolvimentos futuros.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVEAR, Celso Alexandre, FERREIRA Vinicius Soares, *et al.* **A economia solidária em territórios populares: Uma pesquisa exploratória sobre o tecido sócioprodutivo em quatro comunidades da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ / Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico Solidário, 2012

AMARAL FILHO, Nemézio C. **As perigosas fronteiras da comunidade: um desafio à comunicação comunitária.** In: Raquel Paiva, Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos (org.). *Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa.* Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2008, pp. 75-88.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

BRULON, Bruno César. **Entendendo o Ecomuseu: uma nova forma de pensar a museologia.** In: Revista Eletrônica Jovem museologia: Estudos sobre museus, museologia e patrimônios, ano 01, n°. 02, 2006

BUENO, Leonardo Brasil, LIMA, Carla Moura (Orgs). **Território, Participação Popular e Saúde: Manguinhos em debate.** Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2010.

COSTA, Cláudia de Lima. **As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução.** In: Revista Estudos feministas, Florianópolis, Vol. 1, n°3, UFSC, 2000

CRESPO, Matheus Pepe. **Um estudo sobre o conceito de território na análise geográfica.** In: III Encontro de geografia- A geografia e suas vertentes reflexões- VI Semana de Ciências Humanas- Instituto Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, 2010.

EUGÊNIO, Felipe dos Santos Silva, MELO, Renata da Silva. **Ecomuseu de manguinhos- a perspectiva crítico-emancipatória na favela através da comunicação.** In: III Seminário Direitos, Pesquisa e Movimentos Sociais, Natal, Rio Grande do Norte, 2013

FERNANDES, Tânia Maria; COSTA, Renato Gama-Rosa. **Histórias de pessoas e lugares: Memórias das comunidades de Manguinhos.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009

FONTES, Virgínia. **Intelectuais e a mídia: quem dita a pauta?** In: Eduardo Granja Coutinho (org.). *Comunicação e contra-hegemonia.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Os Museus e a Representação do Brasil**. In: a Revista do Patrimônio no. 31, 2005, pp. 254-273.

GONÇALVES, Marília Alves. **Outra comunicação: o caso do Portal Comunitário da Cidade de Deus**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Monografia (Jornalismo). Orientadora: Professora Doutora Raquel Paiva.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

HARVEY, David. **A experiência do espaço e do tempo**. In: *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996. _____. Quarto de despejo. São Paulo: Editora Ática, 1997

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994

MELO, Renata da Silva. **Disputas simbólicas removem moinhos? Manguinhos e o Ecomuseu**. In: Revista Vírus Planetário. Rio de Janeiro, edição nº14, maio de 2012.

NJAINE, Kathie; SOUZA, Edinilsa Ramos de. *Et al.* **A produção da (des)informação sobre violência: análise de uma prática discriminatória**. In: Caderno. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 405-414, jul-set, 1997

PAIVA, Raquel; NÓRA, Gabriela. **Comunidade e humanismo prático: reprodução da periferia no Rio de Janeiro**. In: Raquel Paiva, Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos (org.). Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2008

PERISSÉ, Camille Costa Pereira. MELO, Renata da Silva. *Et al.* **Comunitárias ou Piratas? O caso da Rádio Santa Marta**. In: 5º Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação, Rio de Janeiro. Anais 5 CONECO UFF, 2012

PERISSÉ, Camille Costa Pereira. **Os usos sociais da comunicação: jornal “A notícia por quem vive”**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2013. Monografia (Jornalismo). Orientadora: Professora Doutora Raquel Paiva.

PERLMAN, Janice Elaine. **Favelas ontem e hoje (1969-2009)**. In: Marco Antonio da Silva Mello, Luiz Antonio Machado da Silva, Leticia de Luna Freire, Soraya Silveira Simões. (org.) Favelas cariocas: ontem e hoje. Pág. 213 – 234. Rio de Janeiro. Garamond: 2012.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. In: PCLA, Vol 4, número 1: outubro, novembro, dezembro 2002.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte/MG, 2003

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In- Revista Estudos Históricos, vol. 02, n. 03, 1989. pp. 3-15.

SCHEINER, Tereza Cristina. **O museu, a palavra, o retrato e o mito**. In: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST, vol. I n° 1, 2008

SILVA, Luiz Antônio Machado da. (Org.) **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, FAPERJ/Nova Fronteira, 2008, pp. 99-114.

SOUZA, Jailson Silva. **Favela: alegria e dor na cidade**. São Paulo: Ed. Senac, 2006.

THIOLLANT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1986.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.